

**O PAPEL DO PROFESSOR
COMO MEDIADOR: análise do
projeto de formação de
professores MHSC – Interface
com a Educação**

Taynara Cassettari Machado

Taynara Cassettari Machado

**O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR:
análise do projeto de formação de professores MHSC – Interface
com a Educação**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Museologia da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito para a
obtenção do Título de Bacharel em
Museologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Renata Cardozo Padilha

Florianópolis
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Machado, Taynara Cassettari

O papel do professor como mediador : análise do projeto de formação de professores MHSC - interface com a educação / Taynara Cassettari Machado ; orientadora, Renata Cardozo Padilha, 2019.
101 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Educação Museal. 3. Museu Histórico de Santa Catarina. 4. Professores. 5. Escola. I. Padilha, Renata Cardozo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Taynara Cassettari Machado

**O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR:
análise do projeto de formação de professores MHSC – Interface
com a Educação**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Museologia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 5 de julho de 2019.

Prof^ª Dr^ª Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Renata Cardozo Padilha
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^ª Dr^ª Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Me. Valdemar de Assis Lima
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Este trabalho é dedicado à minha mãe que esteve sempre comigo em cada momento dessa caminhada, e ao meu irmão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, por terem me ajudado a chegar até aqui, a minha mãe Suzi Cassettari, por toda a caminhada que percorremos, principalmente por todas as vezes que me acalmou e conversou comigo em cada momento dessa jornada me apoiando e contribuindo para que conseguisse chegar esse momento.

Ao meu irmão Jucelio por estar sempre comigo, a meu pai Jucelio Machado por ter me ajudado em momentos que eu precisei.

Minhas tias amadas Iara e Rubia, por todas as vezes que me viam perguntavam e queriam saber como estava sendo esse momento e sempre me deram confiança, e principalmente a que hoje infelizmente não se encontra mais aqui Ana Izabel por todo o apoio e dedicação em me ajudar e guiar. Minha avó querida Joaquina por sempre me mostrar a importância do conhecimento e do estudo de forma a me ajudar a nunca desistir.

A minha orientadora Prof^ª Renata que me ajudou e contribuiu com cada momento desse trabalho de modo a conseguir criar esse trabalho de forma única, a contribuição dela foi o que fez esse trabalho ser possível, me ajudando e contribuindo em todos os momentos em que eu estive com dúvida e medo de fazer algo errado, muito obrigada mesmo.

Aos meus colegas de curso que passaram por tantos momentos juntos. Obrigada por todas as contribuições e ensinamentos que vou levar para sempre.

Aos funcionários do Museu Histórico de Santa Catarina, mais precisamente, ao Núcleo de Ação Educativa que sempre estiveram à disposição para que conseguisse criar esse trabalho.

“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa analisa o projeto de formação de professores do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) intitulado “Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação” sendo executado no ano de 2016 e 2017, que visa contribuir com o Núcleo de Ação Educativa e o Museu Histórico de Santa Catarina e o seu diálogo entre professores e o museu e, conseqüentemente alunos. O trabalho buscou saber se os professores que são alcançados pela instituição, retornam a ela, e se isto contribui em sua didática de sala de aula, uma vez que o museu reconhece a importância do professor como o mediador do ensino. Ao longo dos estudos e análises da ficha de avaliação do projeto, compreende-se que o museu, mais especificamente, o NAE mesmo tendo como um dos seus principais interesses a informação de que os professores voltam, não é investigado pela instituição, dessa forma a análise feita não consegue analisar o retorno e de que isso faz ou não diferença na mediação com os alunos desses professores que frequentaram o curso. Para que isso ocorra criaram-se sugestões de como se levantar essas informações.

Palavras-chave: Educação Museal. Museu Histórico de Santa Catarina. Professores. Mediação. Escola.

ABSTRACT

Present a research with the project of teacher training of the Historical Museum of Santa Catarina (MHSC) entitled "Historical Museum of Santa Catarina: Interface with Education" that is being published in the year of 2016 and 2017, that aims at the use of the Nucleus of Educational Action and the Historical Museum of Santa Catarina and its books among the museums and, consequently, students. The work sought to know the teachers who are reached by the institution, return to it, and become responsible for their classroom didactics, once the museum recognizes the importance of the teacher as mediator of teaching. The study of studies is the evaluation of evaluation, evaluation of the evaluation, evaluation of the evaluation of the major, the knowledge is the evaluation of the lectures, that is not investigated by the institution, so an analysis done cannot be obtained and is not returned and an interaction can be made with the students who attend the course. For this to occur the suggestions on how to do this have been created.

Keywords: Education Museum. Historical Museum of Santa Catarina. Teachers. Mediation. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Grupo de professores e membros do museu	40
Figura 2 - Grupo de professores e membros do museu	40
Figura 3 - Objetos levados pelos professores	42
Figura 4 - Objetos levados pelos professores	43
Figura 5 - Professores e membros do NAE	43
Figura 6 - Roda de conversa sobre a atividade.....	44
Figura 7 - Mascara escolhida por um professor e uma roda de conversa	44
Figura 8 - Visita mediada com os professores.....	45
Figura 9 - Visita monitorada	45
Figura 10 - Monitoria da visita com os professores	46
Figura 11 - Apresentação do núcleo de museologia.....	47
Figura 12 - Professores reunidos em palestra.....	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tabela de Avaliação.....	64
Gráfico 2 - Gráfico sobre a instituição de ensino.....	66
Gráfico 3 - Colocaram ou não o endereço.....	66
Gráfico 4 - Colocaram ou não Telefone.....	67
Gráfico 5 - Colocaram ou não E-mail.....	67
Gráfico 6 - Respondeu ou não sobre Instituição de Ensino.....	68
Gráfico 7 - Gráfico das matérias de formação dos professores.....	69
Gráfico 8 - Visita ao MHSC.....	70
Gráfico 9 - Gráfico sobre a carga horária.....	72
Gráfico 10 - Gráfico Opinião sobre o projeto.....	73
Gráfico 11 - Gráfico sobre as opinião do MHSC.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela criada a partir de temas importantes.....	76
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS - Centro de Atendimento Psicossocial/ Álcool e drogas

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

ICOM - Conselho Internacional de Museus

MASC - Museu de Arte de Santa Catarina

MHSC – Museu Histórico de Santa Catarina

MISC - Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina

NAE – Núcleo de Ação Educativa

PNEM - Política Nacional de Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	26
1.2	OBJETIVOS	29
1.2.1	Objetivo geral	29
1.2.2	Objetivos específicos	29
1.3	JUSTIFICATIVA	29
1.4	METODOLOGIA	31
2	MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA E SEU PAPEL EDUCATIVO	33
2.1	A TRAJETÓRIA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA	33
2.2	A CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA.....	36
2.3	PROJETO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA.....	39
3	CONTEXTUALIZANDO EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO MUSEAL	49
3.1	EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL.....	49
3.2	FUNÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU.....	51
3.3	PÚBLICOS E SUAS AVALIAÇÕES.....	55
3.4	FORMAÇÃO DE PROFESSOR PARA MEDIAÇÃO ENTRE ALUNOS E O MUSEU.....	58
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	62
4.1	ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO.....	62
4.2	APRESENTANDO RESULTADO E SUGESTOES DE AÇÕES	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	87
	ANEXO A - Modelo para escrever o projeto	93
	ANEXO B – Roteiro Investigativo	95
	ANEXO C - Avaliação 1 dos professores sobre o Museu	97
	ANEXO D - Avaliação 2 dos professores sobre o projeto	99

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa discutir sobre a ação educativa do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), mais especificamente, sobre o “Projeto de Formação de Professores Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação”, tendo como um de seus objetivos auxiliarem no processo de formação dos professores para reconhecer as múltiplas facetas de atividades do âmbito pedagógico, temas históricos e as atividades do museu.

Neste projeto, o professor torna-se a ponte entre o museu e os alunos, como mediador. Ao conhecer o museu e criar vínculos pessoais com a instituição, o professor pode apresentar e estimular seus alunos a interagirem com o espaço do museu e reconhecer a importância da visita em sua formação.

Sem dúvida, o professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar, ao mesmo tempo, como mediador. Ou seja, o professor deve se colocar como ponte entre o estudante e o conhecimento. (BULGRAEN, 2010, p. 31)

O MHSC entende que o seu espaço deve ser utilizado e pensado da melhor forma possível, por isso acredita que o projeto de formação de professores seja a chave para este novo diálogo. Pois, ao conhecer o museu e todas as engrenagens que movem o mesmo, essa ação faz com que o espaço se ressignifique criando outro espaço para os professores, um local próximo e de confiança.

Compreende-se que nos museus o acesso deve ser o mais amplo e irrestrito possível. Entretanto, não é somente abrir suas portas ou mesmo garantir sua gratuidade que vai tornar o seu acesso universal. Existem inúmeras barreiras que podem impedir a visitação: de ordem física, cultural, social, atitudinal, cognitiva, entre muitas outras. O museu precisa identificar essas barreiras por meio de pesquisas sistemáticas e tomar medidas para sua superação, incluindo desde a ampliação do horário de funcionamento até a adaptação do prédio para a acessibilidade, por exemplo. (CÂNDIDO, 2014, p. 61)

O projeto de formação de professores funciona como um curso de 18h. Essa carga horária é dividida sendo 8h na instituição e as outras 10h ocorrem de acordo com o interesse do professor, podendo ser uma visita do professor e seus alunos, ou de um projeto escrito relacionando o conhecimento adquirido pelo curso e a sala de aula (ANEXO A), entregue ao Núcleo de Ação Educativa (NAE). Essas duas possibilidades são decididas pelo professor e só com o cumprimento do mesmo se ganha o certificado com 18h no total.

Dessa forma, vemos o museu suprir uma necessidade que vai além de uma simples mediação, ele interage e convida o professor a fazer parte de sua própria atividade, criando suas próprias conexões com os objetos museológicos, a história que o museu se propõe a contar, ou seja, sendo ele capaz de criar *links* com as disciplinas e necessidades de todas as escolas e turmas.

Ter a clareza de que tipo de visita se está desenvolvendo e qual seria a maior necessidade dos públicos que vão ao museu, faz com que seja possível criar e reconhecer os seus diferentes públicos, e reconhecer suas singularidades. Esse é um trabalho difícil para o museu, mas ainda permite que se crie diferentes abordagens de comunicação, fazendo com que se consiga identificar as melhores formas de falar com esses variados públicos, para que assim consiga atender seus públicos da melhor forma possível.

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O museu de tipologia histórica tem muito a contribuir com o ensino formal das escolas, pois visa a possibilidade de diálogo crítico, indo além da contemplação que era algo comum, em momentos anteriores da história.

Atualmente, os debates sobre o papel educativo do museu afirmam que o objetivo não é mais a celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza e sim a reflexão crítica. Se antes os objetos eram contemplados, ou analisados, dentro da suposta “neutralidade científica”, agora devem ser interpretados. (RAMOS, 2004, p. 10)

O ensino que o museu oferece é diferente do ensino oferecido pelas escolas, essa compreendida como educação formal (ou educação

curricular). Esta que ocorre na escola possui uma organização e estrutura acompanhada de regras e normativas, podendo ser encontrada em diferentes locais com o mesmo padrão (GASPAR, 1992). Já no projeto do NAE, temos a educação conhecida como educação não formal, pois dialoga com as iniciativas organizadas de aprendizagem que acontecem fora desse sistema formal de aprendizagem (CATARINO; QUEIROZ; BARBOSA-LIMA, 2017).

Essa oportunidade de aprendizado que o próprio museu representa, mesmo muitas vezes não se encontrando dentro do padrão formal de ensino, não pode ser desperdiçada. Essa visita não é apenas para contribuir para o projeto de ensino aprendizagem que os professores fazem, mas também para a instituição, que nesses momentos tentam criar o vínculo para que futuramente visitas escolares ocorram com a instituição e professores mais preparados.

O museu não é algo engessado, velho parado no tempo (CHAGAS et al., 2010), ele tem que ser capaz de mostrar a sua vivacidade aos seus públicos. A necessidade de educação e aprendizado diário é algo que se estende por toda uma vida (SANTOS, 2008), indo além de uma sala de aula. No caso do projeto educativo analisado, o público é o professor e que tem como intenção levar abordagens diversas e singulares do museu para salas de aula e a escola, ou até transformar a própria instituição em uma sala de aula.

Segundo Ramos (2004), o ensino é um instrumento de mediação, um meio de comunicação, que empodera as pessoas. Com base nisso, vemos a contribuição que o museu tem com o ensino formal, pois esse caminho é utilizado também pela instituição museológica, e que dessa forma o museu consiga através de si mesmo empoderar o ensino formal com ideias e momentos diversos.

O museu pode e deve ser esse caminho de descobertas e de autoconhecimento não podendo ficar de lado e esquecido. O museu e a escola pública não são diferentes na falta de apoio e investimentos, podendo ter um no outro a oportunidade de expandir seus horizontes de ensino e seus públicos e alcançar os mesmos de formas diferentes e únicas.

Essas oportunidades seriam a chance de uma grande experiência entre os dois, o professor e o museu, é um contato que contribui para o museu com que os museus percam seus estigmas muito conhecido de algo preso a apenas ao passado, encerrando assim a ideia de um museu engessado somente para as elites, que se espalha de geração a geração. O museu tem uma forma única de comunicar e ensinar aos públicos (ESTEVÃO et al., 2008).

No museu ocorre o processo de musealização, que diz respeito a selecionar uma matéria bruta, que pode ser reconhecida como o objeto, e transformar em uma fonte de pesquisa. Esse podendo ser ressignificado em uma exposição cuja finalidade é de comunicar com os públicos sobre o tema pensado. Dessa forma, utilizar da figura do professor que está ligado diretamente com os alunos faz com que a ação e o interesse ocorram de forma singular e sem grandes discrepâncias.

O museu é um espaço de sentir, de ir além, uma oportunidade de socializar com o conhecimento, refletir as formas e os momentos, (CHAGAS et al., 2010) o significado do museu é proporcionar essa ligação entre os públicos e seus objetos. Nos museus de tipologia histórica ocorre uma ligação diferente, pois as abordagens podem mexer com memórias coletivas.

O museu pode e deve pensar em ações educativas diferentes para públicos jovens, fazendo com que o distanciamento que existe entre a educação formal e a instituição museológica acabe sendo reduzida. (SANTOS, 2008).

Assim, o MHSC pensou em modos diversos para que pudesse abordar os públicos escolares, uma dessas foi o diálogo com os professores, possibilitando que os mesmos estabeleçam vínculos e entendam o espaço em que podem levar seus alunos e de que forma essa ação pode vir a contribuir com sua aula. O ato de ir a uma exposição, olhar um objeto e analisar com base em imagens ou experiências parecidas, nada mais é do que a interpretação do mesmo, porém esta ação está se perdendo aos poucos pela necessidade que os públicos possuem de obter informações rápidas.

A ideia de que o museu tem que ficar enraizado no lugar e que as pessoas é que tem que ir até ele, está enganada, pois ele pode e deve sair das quatro paredes institucionais. Sabemos que o museu não é apenas o espaço físico em que ele se encontra. Dessa forma, porque não trabalhar com necessidade desses professores criando cursos de capacitação e indo até os órgãos responsáveis pelas escolas e professores, fazendo que a conversa ocorra de forma mais prática.

A ida a um museu permite diferentes formas de problematização, desde grandes acontecimentos do mundo até questões relacionadas com o cotidiano da sociedade. Podendo criar assim inquestionáveis reflexões, a partir de várias interpretações e ressignificações.

O museu é também algo bem maior do que contemplação de seus públicos, como a ligação que pode se ter com os professores, os fazendo terem interesses pelo museu e levar seus alunos. Um país que existe um número grande de museus e uma educação tão precária, deveria se

apropriar dessas instituições e assim ter a chance de mudar as estatísticas e perspectivas de vida como o do preconceito. É através da educação que mostramos e mudamos pensamentos errôneos e preconceituosos.

O projeto de formação de professores do MHSC tem como principal interesse, o retorno dos professores à instituição museu, fazendo com que os professores conheçam e contribuam com a instituição por meio de visitas futuras.

Desta forma, questiona-se: os professores retornam ao MHSC após participação do projeto? E como o projeto contribui para a mediação (ligação) ou participação dos alunos na instituição?

1.2 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o professor como mediador entre os alunos e o museu, a partir do Projeto de Formação de Professores do Museu Histórico de Santa Catarina.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Compreender a metodologia de avaliação dos públicos na proposta do projeto de formação de professores do NAE – MHSC;
- b) Identificar a percepção dos professores participantes no projeto de formação do MHSC;
- c) Refletir sobre o projeto de formação de professores do MHSC, pela perspectiva do professor enquanto mediador entre o museu e seus alunos.

1.3 JUSTIFICATIVA

O MHSC oferece aos professores a oportunidade de conhecer o museu de perto, a fim de criarem um vínculo entre eles, um diálogo que serve e contribui com processo de ensino e aprendizado. Conhecer a instituição a fundo e se sentir parte da mesma, esse é o começo de uma conversa que pode ser proveitosa aos dois lados.

O diálogo entre professor e o NAE - MHSC pode ser, muitas vezes inexistente e como decorrência disso, o desenvolvimento da ação e possíveis melhorias não ocorra de forma desejada. Essa falta de diálogo

após a experiência com o projeto, vem sendo conturbado devido à pouca ou nenhuma comunicação com os envolvidos.

O museu tem como principal interesse manter esse diálogo, mas devido à quantidade reduzida de funcionários e também as lacunas em repensar pequenos pontos do projeto, contribuem e muito com a falha de diálogo. Sendo a existência desse diálogo de extrema importância a instituição.

E ainda bem preocupante a falta de um estudo de públicos, pensando em quem participa desse projeto, a forma em que eles recebem esse convite, a conversa com a instituição só ocorrem durante os encontros, não se sabendo nada específicos de seu público e depois tendo um questionário que muitas vezes não parece ser avaliado pensando em melhorar o projeto.

A cena descrita sugere que, para planejar uma boa visita e um acolhimento adequado, a instituição deve conhecer o perfil do seu público visitante e suas características de comportamento. Além disso, também é importante saber que existem perfis e comportamentos que se repetem em diferentes instituições e que, por isso, podem ser vistos como tendências. (MARTINS et al., 2013, p. 21)

Com essa falta de diálogo, a instituição acaba não conhecendo seus públicos e, conseqüentemente, trabalha com eles de forma generalizada. Pensando em suas distinções, igual a um professor que prepara e muda sua aula de acordo com seus alunos a instituição deve sempre conhecer seus públicos para saber qual é a melhor ideia para chegar ao mesmo. Os professores necessitam de diferentes estímulos, variando sua disciplina, as series trabalhadas e até mesmo o motivo de ir a eventos como esse para aprendizados e conhecer isso faz com que o museu consiga criar e fortalecer seu evento e interesse.

Cada público tem uma demanda, uma maneira de perceber a experiência da visita e quanto mais a instituição conhecer seu público, mais focada e com maior poder de diálogo será construída a ação educativa. (MARTINS et al., 2013, p. 24)

Para os profissionais dos museus imbuídos de sua missão educativa, os estudos ofereceriam novas abordagens para a elaboração de

exposições mais eficazes, no que se refere à aprendizagem. Nesta linha, a teoria da comunicação abre uma possibilidade importante para abordar visitantes na sua relação com as exposições nos museus, culminado com os estudos de recepção iniciados a partir dos anos 70 (KÖPTCKE, 2012).

Dessa forma, o museu não iria só conhecer seus públicos, saber quem vai a instituição, ele conhecerá as pessoas que participam desses projetos previamente dessa forma fazendo com que possa ser sempre melhorado, tendo essas bases e assim conseguir melhores formas de se comunicar com os professores. Saber quais áreas os professores encontram um melhor diálogo, para que assim possam utilizar em sala de aula da melhor forma possível. Esperamos diante disso, mostrar a importância desse movimento do museu de conhecer seus públicos e de como estimular o visitante, a partir dos estudos de públicos e do que seria interessante aos professores oferecendo novos sistemas de diálogos e abordagem aos temas diários de sala de aula.

A falta de diálogo cria lacunas de informações, e essas lacunas se tornam falhas que dificultam a formação de novos projetos e a melhoria do mesmo, e assim um projeto que muito tem a contribuir acaba não conseguindo cumprir o desejado. Identificar o que acontece após a realização do projeto, permitirá que o MHSC conheça quais os pontos podem ser melhorados e em como isso fará com que os acontecimentos futuros se tornarem diferenciados.

1.4 METODOLOGIA

O presente Trabalho de Conclusão de curso (TCC), tem como sua principal metodologia o estudo de caso que segundo Gil (2010, p. 37)

[...] é uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...].

Essa metodologia existe variáveis e sendo este trabalho reconhecido como um estudo de caso múltiplo, que seria quando um pesquisador (ou estudante), investiga determinado acontecimento com casos múltiplos para que assim consiga estudar determinados fenômenos (GIL, 2010). No caso desta pesquisa, ao analisar um projeto que tem diversos encontros promovidos pelo NAE, com professores diferentes em

cada encontro, iremos estudar todos os encontros que o museu elaborou com os professores e assim entender todas as ações por trás disso.

A pesquisa inicialmente se utilizou no primeiro momento de entrevistas com membros do NAE, onde foi apresentado o projeto, por meio de uma entrevista presencial e outra entrevista por e-mail. Em seguida, o trabalho se utiliza de pesquisa documental, por meio do uso de documentos internos da instituição como: relatórios do projeto dos anos de 2016 e 2017, Plano Museológico do MHSC e ficha de avaliação dos públicos. As avaliações dos públicos foram trabalhadas a partir de uma enumeração de 1 a 21 de forma a ser identificada e analisada.

2 MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA E SEU PAPEL EDUCATIVO

Nesta seção é exposto uma breve contextualização histórica sobre o Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), para que possamos conhecer o caminho seguido e sua aproximação com a educação. Além disso, será tratado também sobre o Núcleo de Ação Educativa (NAE) e em como este setor se preocupa em se comunicar com os mais diversos públicos e, em seguida é apresentado o projeto educativo no qual a pesquisa é baseado o “Projeto de Formação de Professores intitulado de Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a educação.”

2.1 A TRAJETÓRIA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA

O Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) possui uma longa história, sendo criado no ano de 1978 através da lei nº 5.476 no dia 04 de outubro “Cria, na Capital do Estado, o Museu Histórico de Santa Catarina” pelo então governador Antônio Carlos Konder Reis, sendo aberto para visita apenas no ano seguinte no dia 02 de Março de 1979. Sua criação foi vinculada à Secretaria de Educação e Cultura e com isso teve seu orçamento vinculado a mesma secretaria. O termo de sua abertura foi assinado pelo então Secretário da Educação e Cultura, Professor Márcio Cesar Moraes. Nessa época, localizava-se na Rua Conselheiro Mafra na conhecida casa da Alfândega, dividindo o espaço com o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC).

Art. 1º Fica criado o Museu Histórico de Santa Catarina, vinculado à Secretaria da Educação e Cultura.

Art. 2º O Museu Histórico de Santa Catarina será instalado no prédio da antiga Alfândega de Florianópolis, de valor histórico e tombado pelo Instituto do patrimônio Histórico e Artístico nacional.

Art. 3º Os recursos necessários à instalação e à manutenção do Museu Histórico de Santa Catarina correrão à conta das dotações orçamentárias da Secretaria da Educação e Cultura. (SANTA CATARINA, 1978)

O Museu Histórico de Santa Catarina possui 40 anos desde de sua abertura oficial, mas antes disso foram realizadas algumas tentativas que não tiveram resultados esperados ou que não chegaram a abrir devido a burocracia, deixando apenas histórias e relatos sobre essas antigas tentativas.

Em Santa Catarina há historicamente uma divergência sobre quando ocorreu a primeira instituição com esse fim museológico, dependendo do estudioso irá apresentar datas e dados diferentes sobre esse tema e dessa forma não conseguimos elucidar essa questão de quando começou a se ter museus no estado e quando ocorreu pela primeira vez essa preocupação (MHSC, 2016a).

As várias experiências de criação de um museu que se possui conhecimento e documentação, pode ser encontrado no Plano Museológico (2016) como o Museu Provincial, tendo sido criado na capital do estado; Já na época da república tem-se uma nova necessidade de abrir um novo museu que de acordo com as informações foi aberto no ano de 1919; e temos também Museu Catharinense.

Cada uma dessas experiências ocorreram em épocas diferentes mas todos tendo a necessidade de contar a história catarinense de uma forma que pudesse sempre se manter próximo a capital do estado. Dessa forma, as antigas experiências fizeram com que o MHSC fosse criado ao meio de um histórico e de noções diversas que os outros não existia.

A Criação do MHSC levou décadas até deixar de ser plano para se tornar realidade, o primeiro passo ocorre por meio do Decreto Lei Nº 2183:

Através do Decreto n 2.183, de 17 de janeiro de 1977, o governador Antônio Carlos Konder Reis Criou um grupo de Trabalho para no Prazo de 120 dias, levantar o material existente, promover estudos e propor medidas necessárias à implantação do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC, 2016a, p. 38)

Assim, o trabalho começou a ser feito e depois de 1 ano e 9 meses criou-se um grupo de trabalho em que quatro pessoas estiveram à frente, e no dia 04 de outubro de 1978 através de um Decreto Lei foi criada a Instituição Museu Histórico de Santa Catarina, localizado na Casa da Alfândega. A primeira Diretora Jessy Cherem tomou posse do cargo antes do museu abrir, ficando no cargo entre os anos de 1977 a 1987.

Jessy Cherem tinha como formação o magistério, a pedido do então governador Antonio Carlos Konder Reis tornou-se diretora do Museu Histórico de Santa Catarina, porém para que conseguisse cumprir essa necessidade fez cursos de especialização na cidade do Rio de Janeiro e também estágio no Museu Histórico do Rio de Janeiro. Antes de aceitar essa função foi Secretária de Educação entre os anos de 1963 a 1967, e também professora, na cidade de Criciúma (GOULART, 2010).

Logo no começo da instituição, em sua criação com a escolha da diretora o museu já começa a criar uma missão que é muito próxima a educação. No entanto apenas com a criação do plano museológico começaram a repensar sua missão e, com isso, o vínculo da instituição com a educação foi permanecido.

Prestar serviço à sociedade por meio de pesquisa, ações educativas, comunicação, preservação do seu patrimônio arquitetônico e museológico, contribuindo para o fortalecimento da história de Santa Catarina (MHSC, 2016a, p. 154).

A lei que criou o MHSC foi Consolidada e Revogada pela Lei 17.565, de 2018, tendo pequenas alterações que atualiza a instituição e sua organização. Com essa ação, as instituições acabam se aproximando de leis e normas do estado sobre a cultura “Consolida as Leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina” (SANTA CATARINA, 2018), sendo dessa forma uma junção de várias leis.

Tendo esses os principais artigos vinculados a instituição:

Art. 20. O Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC) é vinculado à Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte (SOL) e está instalado no Palácio Cruz e Sousa.
§ 2º Cabe à FCC administrar o MHSC e o Palácio Cruz e Sousa. Os recursos necessários à manutenção do MHSC correrão à conta das dotações orçamentárias da SOL. (SANTA CATARINA, 2018)

Essas pequenas mudanças tornam claros quais os órgãos e setor são responsáveis pela instituição, dessa forma apresenta quais as suas principais formas de adquirir recursos, também torna efetivo a sua localidade oficial que estava a alguns anos já em outra localidade. Com

essa normativas deixa-se claro a aceitação de doação a instituição, e de que forma pode ocorrer.

2.2 A CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA

O Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), conforme abordado anteriormente, foi criado através de um grupo de pessoas que tinha como um de seus maiores focos a educação. Jessy Cherem foi a primeira diretora do museu e tinha muita afinidade com o educativo, pois era parte de sua formação e teve sua carreira sempre vinculada a educação de alguma maneira. Dessa forma, sempre trabalhou com projetos de ações educativas fazendo com que a educação e a proximidade com as escolas estivessem muito presentes na instituição desde seu fundamento.

Em alguns documentos, Cherem deixou registrado, através de entrevista que, por não existir uma equipe para desenvolver as ações educativas, ela própria realizava, muitas vezes, o acolhimento das escolas e conversava com os professores e alunos, informando sobre o Museu. (MHSC, 2016a, p 45).

Quando se criou o grupo institucional definitivo, eles pensaram em um museu como complemento da educação formal, para além dos processos e de suas obrigações, tendo isso como prioridade.

Ainda no primeiro ano de funcionamento do MHSC, a diretora da instituição e única funcionária que trabalhava na área do educativo fez a sua primeira parceria com Museu de Artes de Santa Catarina (MASC), cujo projeto demonizava-se “O museu e a Criança”. Em seguida, criaram mais uma parceria com a MASC com a ação educativa intitulada de “O Museu e o Acervo”, com o intuito de aproximar as instituições de ensino deles, visto que se encontravam no mesmo prédio.

Segundo o Plano Museológico do MHSC (2016a), quando no ano de 1986 houve a mudanças de espaço para o Palácio Cruz e Souza, teve um aumento significativo de visitas, o motivo não tinha sido investigado na época, mas se aponta dois principais: a curiosidade para conhecer por dentro o Palácio e o horário ampliado. Esse crescimento ocorreu da mesma forma com o público pré-agendado e escolar.

Esse vínculo fez com que fosse desenvolvido a ação “A escola no Museu” da época da diretora Susana Simon, entre os anos de 2008 a 2009, tinha o intuito de abordar escolas públicas ou privadas de forma lúdica e pedagógica e assim despertar o interesse para os bens de patrimônio cultural.

No ano de 2010, com a chegada de mais duas funcionárias na instituição, foi criado o NAE - Núcleo de Ação Educativa. Dessa forma o total de funcionários do museu se torna quatro, sendo duas monitoras e duas funcionárias, dessa forma, a equipe se organizava para suprir todas as necessidades do educativo.

Apenas em 2015, após cinco anos do Núcleo criado, o NAE é legitimado através do plano Museológico, recebendo assim a legitimidade necessária, criando um espaço com regimento interno e ganhando um organograma da instituição. Este novo espaço dado ao setor já existente é reconhecido como de grande importância para a instituição e para o núcleo, e assim começando a garantir um melhor trabalho.

Garantir que cada instituição possua setor educativo, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, que tenha definido um projeto pedagógico que fomente a relação museu-sociedade, assegurando seu status de ferramenta educacional para o desenvolvimento social. (IBRAM, 2010, p. 88)

No final do ano de 2018 são quatro as funcionárias que trabalham vinculadas ao NAE: Christiane Maria Castellen e Marcia Lisboa Carsson que trabalham na instituição desde 2009 e 2010, respectivamente, tendo também as mediadoras Veronice Nogueira, que começou a trabalhar na instituição no ano de 1995, sendo uma das profissionais mais antigas da instituição e Simone Coelho, que começou a trabalhar no ano de 2001, ambas as monitoras são terceirizadas.

Com a criação e publicação do Plano Museológico no ano de 2016, foram apresentadas e identificadas necessidades diferente da instituição e, com isso, criaram projetos definidos e com prazos para acontecer acompanhando o Plano Museológico. Sendo esses: Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação¹; Projeto de mediação; Projeto Construindo; Projeto de Formação Continuada da equipe MHSC.

Em diálogos com a instituição em suas entrevistas foi sendo apresentados novos projetos que ainda não constam no plano museológico sendo que o NAE está esperando a próxima revisão. Esses novos projetos são: Hospital de Custódia; Centro de Atendimento

¹ O projeto a aparecer com um novo nome em seus relatórios internos aparecendo assim como Projeto de Formação de Professores do MHSC.

Psicossocial/ Álcool e drogas (CAPS); Centro Pop; Centro de referência de atendimento ao imigrante.

Apresentamos abaixo o que cada projeto realiza segundo a entrevista e trocas de e-mail com o NAE:

● **Projeto de Mediação:** é um dos principais meios de comunicação do museu, é oferecido para grupos previamente agendados. Quando não tem visita as mediadoras responsáveis, ficam em volta da exposição ajudando a sanar dúvidas e interagindo com os visitantes espontâneos. Apresenta a exposição de forma a terem um diálogo no todo e permitem que os públicos conheçam a história além das contadas por textos e legendas.

● **Projeto Construindo:** é um projeto que já existia antes da criação do Plano Museológico no Museu, desde de 2009. Atualmente conta com a parceria do Museu de Artes de Santa Catarina (MASC) e o Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MISC). Fazendo um trabalho sobre a integração de um grupo de reeducando da Penitenciária de Florianópolis.

● **Hospital de Custódia:** Esse projeto abrange presos que cometeram crimes graves e são considerados imputáveis, as visitas ocorrem desde 2016, uma vez ao mês sempre acompanhados com um grupo de responsáveis do Hospital de Custódia Tratamento Psiquiátrico, com enfermeiros, psiquiatra e agentes prisional.

● **Centro de Atendimento Psicossocial/ Álcool e drogas (CAPS):** Esse projeto ocorreu com a procura do CAPS ao museu, eles já desenvolviam em outras instituições projetos desse estilo e buscam se relacionar com o museu Histórico, essa visita ocorre uma vez por mês, tendo visitas e oficinas.

● **Centro Pop²:** Trabalho da prefeitura com pessoas em situação de rua, ocorreu nos anos de 2016 e 2017. Os responsáveis que trabalham no centro Pop levam eles em passeios e oficinas. As visitas ao MHSC são agendadas, são realizadas oficinas relacionadas com as exposições existentes do museu.

² É uma unidade pública e estatal, de referência e atendimento especializado à população adulta em situação de rua, no âmbito da Proteção Social Especial de Média Complexidade do SUAS. Presta serviços especializados e continuados, para pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. (CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, [2019])

- **Centro de referência de atendimento ao imigrante:** Esse projeto pretende trabalhar com os imigrantes que frequentam o centro de Florianópolis. De forma a interagir com a sociedade, este projeto ocorreu apenas uma vez, em 2018, mas o MHSC possui intensão de continuar com o projeto uma vez ao mês.

- **Projeto de Formação Continuada da equipe MHSC:** Tem como objetivo trazer conteúdos práticos e teóricos para a equipe de funcionários do museu.

- **Projeto de Formação de Professores do MHSC:** O projeto vem com a pretensão de aproximar professor e museu, criando um diálogo que contribua aos dois lados, ajudando os professores em sala de aula, e o museu sabendo que seu público vem preparado com algum tipo de conhecimentos prévio de sua importância e trabalho.

O NAE foi criado pensando na necessidade que o museu tem de se comunicar com seus diversos públicos, e também para conseguir se comunicar com seus próprios funcionários, sendo um grupo aberto a diálogos e propostas. Grande parte desses projetos são ações que vieram de necessidade, solicitações e ideias dos próprios públicos do museu. Hoje o NAE tem necessidades novas pensando em suas formas de trabalho e em como podem transformar o MHSC em um lugar com núcleo educativo de qualidade.

2.3 PROJETO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA

O projeto educativo “Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação”, tem seu início no ano de 2016, foi elaborado e escrito por três profissionais do NAE, sendo elas: Christiane Maria Castellen, Marcia Lisboa Carsson e Cristiane Ugolini.

Os encontros que ocorreram no ano de 2016 com professores da rede pública de Florianópolis e um encontro com a rede pública de Palhoça. No ano seguinte, a procura pelo projeto ocorreu por parte os professores da rede pública do, focando apenas nos professores que trabalham na grande Florianópolis, e de novo ocorreu um encontro com professores da rede pública de Palhoça. Já no ano de 2018, por motivos de mudanças no governo, greves e várias outras dificuldades, a instituição não conseguiu encaixar com nenhum grupo para que pudessem fazer esta ação.

Figura 1 - Grupo de professores e membros do museu



Fonte: Relatório anual do projeto, 2017.

Nas figuras 1 e 2, são apresentados os grupos dos encontros com os professores, nos anos de 2017 e 2016. Cada encontro foi elaborado de forma diversa, pois alguns acontecimentos foram repensados esperando assim uma melhor interação entre os docentes e o museu.

Figura 2 - Grupo de professores e membros do museu



Fonte: Relatório anual do projeto, 2016.

A pretensão e objetivo do projeto, é instrumentalizar os professores para que se apropriem da exposição e consigam trabalhar em sala de aula.

3.7.3 Justificativa:

Promover esses encontros contribuindo no processo de formação dos professores para o reconhecimento do museu como espaço de educação não formal e que oferece múltiplas possibilidades de uso na prática docente. (MHSC, 2016a, p. 193)

O projeto apresentado no plano museológico da instituição, propõe seis encontros com no máximo 15 professores. Possui como ferramenta de ação, uma mediação monitorada, acompanhando os profissionais por toda a exposição explicando e comunicando toda ela. Além disso, cada professor apresenta um objeto que os representa, levado por eles, dessa forma, apresentam o porquê de preservar o patrimônio pela sensibilidade que o mesmo representa.

Segundo o relatório Geral do NAE, correspondente aos últimos 2 anos (2016-2017), as atividades ocorreram de forma diferente em sua organização, mas com as mesmas ideias.

No ano de 2016, 84 professores, de disciplinas variadas³, foram contemplados com o curso entre os meses de abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro (MHSC, 2016B). Realizaram sete encontros com quantidades variadas de membros durante cada um deles, cada encontro durou 08 horas presenciais e 10 horas, que o museu considera o tempo para a continuidade da elaboração da proposta da ação educativa fora do museu, ou podendo receber as 10h visitando a instituição com seus alunos e entrando em contato com o NAE enquanto está lá.

Foi feito pensando em ser executado apenas para o município de Florianópolis, mas por pedido da secretaria de educação municipal de Palhoça, foi aberto um encontro aos professores da cidade de Palhoça.

Já no ano seguinte, em 2017, foram realizados apenas 03 encontros e tendo apenas 46 professores atendidos (MHSC, 2017). Esses encontros ocorreram nos meses de junho e setembro, sendo dois no mês de junho, com a carga horária também modificada, sendo 8h (presencial) + 08h

³ O museu não sabe quais são as áreas de atuação dos mesmos de forma previa. Devido à falta de pesquisa de público com os professores o museu não tem conhecimento de quais áreas são esses professores, e de como foi a experiência para os mesmos.

(criação de um projeto a distância ou a visita com os alunos na instituição) (ANEXO A).

Neste ano, seu Público alvo eram professores de artes e história da rede estadual⁴. As atividades foram mantidas da mesma forma e modelo do ano anterior. O projeto tem como atividade as seguintes ações, separado em dois períodos matutino e vespertino.

Na parte do encontro quem ocorreu no período matutino foi na sala do na sala do NAE tendo as seguintes atividades (MHSC, 2016b):

• **Oficina do Objeto:** Cada professor se apresenta junto a um objeto que escolheu e levou para o curso, e fala o porquê da sua seleção. Ao falar do objeto ele acaba falando de seu recorte e o porquê de ele ter ocorrido. Tratam da história do mesmo e de diálogos que ele faz com o objeto, muitas vezes, relacionados com a memória que tem do mesmo.

Figura 3 - Objetos levados pelos professores



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2017.

Depois de cada apresentação, o objeto é colocado sobre uma mesa. Assim, após todos se apresentarem, surge uma “coleção” de objetos e, a partir dela, todo o grupo é convidado a olhar/ pensar/discutir uma nova seleção desse “acervo”, através de diversos critérios como: peso, tamanho, função, material, cor, tempo e outros.

⁴ E de novo o museu não tem garantia das áreas de trabalhos dos professores com previa para usar isso na construção do projeto.

Figura 4 - Objetos levados pelos professores



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

• **Curadoria Educativa** - possibilidades de escolhas que poderiam ocorrer a partir dos objetos que estão em cima da mesa, podendo ser através de sua utilidade, cor, peso e tamanho, nesse momento eles descobrem que esse olhar vai depender de cada um e de escolhas próprias ou em conjunto.

Figura 5 - Professores e membros do NAE



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016

Nesse momento o NAE espera que quando se comece a conversar sobre o que o museu faz e como ele pensa nessas escolhas isso abarce seus olhos, fazendo que assim ocorra uma compreensão de seu papel e de sua abordagem. Essa previa que ocorre em olhar analisar e escolher cada objeto faz repensar o motivo das escolhas feitas pelas instituições.

Figura 6 - Roda de conversa sobre a atividade



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

• **Exercício de Exploração do Objeto** – Elabora-se com base no roteiro já existente ou se utiliza só do mesmo um roteiro Investigativo (ANEXO B) - em equipes, formadas dependendo de como é a interação do grupo e de sua quantidade, os professores escolheram um dos objetos para explorá-lo de forma variada. Esse exercício visa explorar e refletir sobre o museu enquanto espaço de pesquisa de seus objetos, e que a partir disso, cria exposição com o mesmo. Além disso, trata da importância de o museu conhecer seu objeto, temos também nesse momento uma aproximação entre o grupo e os objetos mostrando como esse reconhecimento é importante.

Figura 7 - Mascara escolhida por um professor e uma roda de conversa



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2017.

Já no período vespertino do curso, começa com uma visita pelo museu e depois voltam a sala do NAE onde ocorre o curso:

- Visita à exposição do acervo - com mediação⁵

Figura 8 - Visita mediada com os professores



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

Cada uma das visitas que ocorrem são criadas de formas diferentes, pois varia muito de público e de diálogo que ocorre antes e durante essa monitoria de forma a fazer com que cada uma desses momentos se tornem únicos.

Figura 9 - Visita monitorada



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

Essas experiências construí um diálogo muito importante para futuramente, dessa forma fecha o ciclo dos encontros que ocorriam na

⁵ Segundo relatos do relatório e entrevista esse tópico no primeiro ano ficou na parte da manhã e depois vendo como os professores se comportavam foi visto que ficaria melhor na parte da tarde.

parte da manhã. Tendo como seu grande interesse a criação de profissionais que compreendem quais as funções do museu e de que forma ela trabalha para que quando o museu apresente as mesmas consigam criar links com os conhecimentos já adquiridos momentos antes.

Figura 10 - Monitoria da visita com os professores



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

- **Apresentação do Núcleo de Conservação e Restau-**

Apresentação o núcleo e qual a sua função no museu, mostrando também o porquê de algumas regras e normas que o museu tem e que como isso é pensado para a salvaguarda do acervo (limpeza, restauração, medição de umidade, ventilação, iluminação, uso do flash, uso de pantufas, número de pessoas que podem subir ao mesmo tempo).

- **Apresentação do Núcleo de Museologia** – Nesse momento eles

apresentam o núcleo e de novo o que ele faz no MHSC, falando da trajetória histórica da própria Museologia.

Figura 11 - Apresentação do núcleo de museologia



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

• **Apresentação do Núcleo de Ação Educativa** - apresentação dos projetos/ações educativas desenvolvidas no/pelo MHSC.

Figura 12 - Professores reunidos em palestra



Fonte: Relatório Geral do NAE, 2016.

• **Orientação Proposta de Ação Educativa Cultural** - São dadas as orientações para o complemento da carga horária com a realização de ação educativa que poderá ser realizada na escola ou no Museu Histórico de Santa Catarina.

Todos os pontos de estudo e trabalho do museu tem nesse projeto a ideia de ser explicado e de ser desmembrado para a compreensão dos docentes. Tendo como um ideal a contribuição do ensino formal que o professor faz em sua sala de aula de forma que crie proximidade e de diálogos longo e duradouro entre museu e professor.

Esperando dessa forma que ocorra uma compreensão mais duradoura de como o professor pode ser o mediador e criar um

diálogo entre museu e seus alunos de forma que consiga ocorrer com uma compreensão melhor das duas partes, pois a um conhecimento profundo e eficiente dos mesmos.

3 CONTEXTUALIZANDO EDUCAÇÃO E A EDUCAÇÃO MUSEAL

Nessa seção, será discutida como a educação formal e não formal dialogam com a Museologia e com o museu. Dessa forma, discutimos o conceito de educação museal, como é pensado os públicos de museu e de que forma o professor (pode se) se torna(r) o mediador entre a instituição museu e o aluno. Além disso, apresentamos a avaliação de públicos como importante ferramenta para essa união. Aqui, o professor é compreendido como meio de ligação entre o museu e a escola, na qual se preocupa com a formação dos alunos e os possíveis vínculos dos mesmos com a instituição.

3.1 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Quando pensamos nesses dois caminhos que geram o conhecimento podemos ver a importância do que é a educação e de que forma ela interfere em nossas vidas, não apenas gerando conhecimento como também criando autonomia segundo Meneses (2000, p. 94).

afirma que educar é garantir ao indivíduo condições para que ele continue a educar-se. Em outras palavras, educar é promover a autonomia do ser consciente que somos - capazes de proceder a escolhas, hierarquizar alternativas, formular e guiar-se por valores e critérios éticos, definir conveniências múltiplas e seus efeitos, reconhecer erros e insuficiências, propor e repropor direções.

E dessa forma, podemos ver como a capacidade de criar pensamentos críticos é um dever de indivíduos ou instituições que tem como caminho a educação, pois é apenas na capacitação desses pensamentos críticos que um indivíduo se reconhece como agente pensante tendo suas próprias experiências para se juntar ao conhecimento e, assim, criar pensamentos próprios e com bases.

Quando se pensa no “Projeto de Formação de Professores Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação”, podemos ver os aspectos que o MHSC trabalha a interação entre museu e escola. Possibilitando diálogos entre o ensino não formal e o ensino formal, reconhecendo suas diferenças e trabalhando a mesma de formas diversas. Além disso, tem como ideia a capacidade de fazer os professores

enxergarem o diálogo entre essas duas maneiras de ensino e de que maneira isso pode contribuir com o aprendizado do aluno.

Criar laços entre o ensino formal e não formal, faz com que as diferenças encontradas em cada um dos meios de ensino sejam vistos com boas perspectivas. Pois essas criam diálogos e conversas, chegando a lugares e pessoas que as vezes eles por si só não chegam, pensando que existem vários tipos de inteligências e que esses tipos variados são afetados de modo diversos. Pensando além do ensino comum e reconhecendo a importância de todas as formas de ensinar e aprender.

A educação formal tem um peso oficial e um discurso nacional, de modo que várias instituições de ensino trabalhem da mesma maneira (GASPAR, 2002). Hoje no Brasil, temos a base comum curricular que tem como ideal ter uma base de ensino igual para todos que frequentam o ensino formal em escola.

A educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser chamada de educação formal. (GASPAR, 2002, p. 171)

Temos na educação não formal um interesse diferente encontrado na educação formal com seu interesse já predeterminado, tendo seu ensino vinculado a interesses únicos do indivíduo e não devido a normas sociais seguindo a base de aprendizado.

A educação não formal busca capacitar os indivíduos para que se tornem “cidadãos do mundo, no mundo” (idem, p. 19) e seus objetivos se constroem na interação, gerando um processo educativo. Além disso, a educação não formal tem como meta a transmissão de informação atualizada e a formação política e sociocultural. (CATARINO; QUEIROZ; BARBOSA-LIMA, 2017, p. 501)

Quando se fala na educação formal vemos um lugar com padrões que acompanha os estudantes ao longo dos anos de estudo, esse modelo de ensino vem sendo usado há muitos anos, são poucas as instituições que tentam sair desse padrão. Quando tratamos da educação formal, deve se lembrar que o estado é um dos principais interessados em seu

desenvolvimento, além disso, uma de suas funções é cuidar da educação de maneira a manter um padrão e normas comuns a todos.

Já na educação não formal, o aprendizado também ocorre com padrões, porém possui seu interesse além do que a sociedade deseja, muitas vezes, criando ensino diversos com a compreensão. Estes públicos vão atrás de um momento e de uma sensação que muitas vezes fazem com que o aprendizado ocorra de maneira bastante variadas e também com base em experiências já vividas e interesses dessas pessoas que estão recebendo a mesma informação.

Catarino, Queiroz e Barbosa-Lima (2017, p. 501) diferenciam os dois estilos de ensinamentos a partir do reconhecimento de sua importância na sociedade. Para os autores, as diferenças são “[...] os objetivos almejados; espaços de desenvolvimento de atividades; sequências cronológicas; e flexibilidade e adaptação dos conteúdos curriculares segundo o público-alvo.”.

Esse diferencial entre cada uma da educação pode ser primordial para pensarmos na importância que cada uma exerce para aprimorar o ensino de todas as pessoas. Quando se pensa nessa conjuntura, podemos ver a relevância iminente do projeto, que além de falar com os membros do ensino formal de modo a contribuir com a educação, não segue as normas e padrões do mesmo. Criando assim a relação de destaque para a função educativa da instituição de forma a conseguir demonstrar o poder que a instituição tem de ensinar através de seus objetos e pesquisa.

3.2 FUNÇÃO EDUCATIVA DO MUSEU

Em relação a função educativa do museu, a instituição precisa reconhecer suas ações, por exemplo, uma exposição vai muito além de colocar um objeto em uma sala. Essa questão de reconhecer quais são suas verdadeiras intenções, deve ser o norte da instituição, principalmente quando ela pensa ou fala sobre suas ações educativas.

Para compreender a função educativa do museu, temos que primeiramente compreender o que é o museu, que instituição pode levar esse nome e de que forma ela pode trabalhar, seguindo padrões de pensamentos.

Conforme Conselho Internacional de Museus – ICOM, define como Museu:

O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire,

conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. (ICOM, 2015)

Segundo a Lei 11.904 de 2009, Artigo 1, diz o que museu no âmbito nacional e quais seriam as suas funções a serem exercidas:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009)

Nessas publicações pode se ver pequenas variações em suas funções e seu papel, no âmbito nacional as funções e deveres do museu são bem mais extensas devido a maior necessidade de preservar a sua instituição e de a mesma ter o reconhecimento, deixando assim claro quais são as intenções. Também podemos ver como o seu reconhecimento contribui e assim cria normativas de comportamentos e de ações que se espera que a instituição tenha.

O vínculo que o museu tem com a educação é algo institucionalizado, faz parte dos objetivos dele educar e, com isso, modifica sua relação com os públicos. Pois, ao criar essa noção de aprendizagem e esses vínculos com a educação faz com que impossibilite de se tornar uma visita sem nada a oferecer fazendo com que o conhecimento esteja presente em todos os momentos. O museu com sua missão de contribuir com a educação faz isso possível quando consegue conversar com o público de forma direta e única. (FRANCO, 2005)

O lugar de fala da instituição museu ao longo dos anos vem sendo mudado e também seu olhar sobre si mesmo, podemos ver isso com a prática de atividades educativas dentro e através da instituição esse tipo de reconhecimento sobre oportunidades e deveres é algo bastante diferente de alguns anos atrás. “Atualmente os museus são reconhecidos como ambientes de aprendizagem ativa e seus profissionais se preocupam em saber que tipo de aprendizagem neles ocorre.” (CAZELLI et al., 1999, p. 11)

Tendo na educação museal praticas pedagógicas que desenvolvem um vínculo único com esses espaços, possibilitando um compartilhamento de experiências e vivencias com seus outros visitantes, principalmente quando explora suas atividades afetivas e culturais. (CAZELLI et al., 1999).

Ao longo dos anos os museus começam a ver a importância de ter o educativo forte, com isso começou-se a pensar em diferentes aspectos para que se pudesse discutir essa nova necessidade.

A demanda por uma Política Nacional de Educação Museal foi evidenciada no I Encontro de Educadores do Ibram, realizado em Petrópolis em 2010, onde se analisou a conjuntura e o desenvolvimento histórico da educação museal no Brasil, lançando os subsídios necessários para a construção de uma política que fortalece e consolida o campo, existente desde 1927 no país, com a implantação do primeiro setor educativo institucionalizado no Museu Nacional, no Rio de Janeiro (IBRAM, 2014, p. 1)

Esses encontros fortaleceram as discussões já existentes em que o museu tem uma grande importância com as ações educativas, e dessa forma com os diálogos únicos. Entendendo o seu peso e em que forma ele age com seu público fez com que o museu trabalhasse de forma única criando normativas para a interação de forma eficaz.

Ocorreu um encontro na cidade de Belém onde estabeleceram alguns princípios que conversam com a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), dando destaque para os Princípios 1 e 3, que tratam de estabelecer e reconhecer a educação museal nas leis que norteiam a instituição museu. Assim, garantiram que cada instituição tivesse um setor que trabalhasse exclusivamente na parte do educativo do museu, sendo composto por uma equipe competente e qualificada, tendo a mesma importância dos demais setores da instituição (IBRAM, 2014).

Diante disso, uma das principais questões estava relacionada com o local que ficaria este setor no museu, ou seja, onde ele estaria na hierarquia institucional, uma vez que a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) reconhece a importância de estar no mesmo nível com a preservação, comunicação e pesquisa. Além disso, entende-se o PNEM como um conjunto de normas e iniciativas que visa contribuir nas atividades práticas educativas das instituições, a fim de fortalecer a função educativa em todas as vertentes do museu (IBRAM, 2017).

Para tanto, a educação museal é “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (IBRAM, 2017, p. 1). Esta ação reconhece no visitante do museu, um ser capaz de compreender além do exposto e, com isso, acaba planejando e criando sustentação para as visitas dos públicos e suas discussões acerca daquela exposição.

Pensando na função do PNEM e em como a educação museal chega até nós através dos pontos citados e também as normas das próprias instituições, esse preparo é importante para a instituição museu que começou a ter melhorias em vários pontos do que seria uma abordagem para se chegar em uma ação educativa de qualidade comunicando com seus públicos.

De acordo com a Política Nacional de Museus (PNEM), cabe as instituições museológicas:

1. Estabelecer a educação museal como função dos museus reconhecida nas leis e explicitada nos documentos norteadores, juntamente com a preservação, comunicação e pesquisa.
- 2 A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade.
- 3 Garantir que cada instituição possua setor de educação museal, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, prevendo dotação orçamentária e participação nas esferas decisórias do museu.
- 4 Cada museu deverá construir e atualizar sistematicamente o Programa Educativo e Cultural, entendido como uma Política Educacional, em consonância ao Plano Museológico, levando em consideração as características institucionais e dos seus diferentes públicos, explicitando os conceitos e referenciais teóricos e metodológicos que embasam o desenvolvimento das ações educativas.
- 5 Assegurar, a partir do conceito de Patrimônio Integral, que os museus sejam espaços de educação, de promoção da cidadania e colaborem para o desenvolvimento regional e local, de forma

integrada com seus diversos setores. (IBRAM, 2017, p. 4)

A educação Museal possibilita que o museu dialogue com seus públicos dando apoio e suporte para que assim se consiga trabalhar seus deveres e que o educativo da instituição tenha voz. Dessa forma as discussões não perdem sua importância no meio de vários outros pontos, ele consegue distinguir o que é importante de se trabalhar no meio educativo do museu de forma única e ao mesmo tempo singular.

Seria a ação educativa um processo, cuja ação é focada no indivíduo e em como ele interage com o seu entorno, de forma em que ele pense, viva, socialize e aprenda de maneiras diversas (MARTINS, 2011).

A noção de público associa estreitamente a atividade do museu a seus usuários, mesmo àqueles que deveriam se beneficiar de seus serviços, embora não o façam. Os usuários são os visitantes do museu – o público mais amplo – sobre quem somos levados a pensar em primeiro lugar, esquecendo que eles nem sempre ocuparam o papel central que o museu lhes confere hoje, porque existem vários públicos específicos. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 87)

3.3 PÚBLICOS E SUAS AVALIAÇÕES

A função educativa do museu e seu papel de motivar reflexão, causando dessa forma um processo de disputa simbólicas das informações, reconhecendo a instituição como um espaço de ensino e de construção do mesmo (espaço de construção de conhecimento; de ressignificação de objetos; de interação social; de exercício de autoridade simbólica, servindo a construção da memória) onde se tem o uso da expectativa do que está apresentando, e indo mais afundo a essa disputa só ocorre devido o conhecimento virar informações ao indivíduo que visita a instituição.

Pensar nesses diferentes indivíduos que poderiam ir a uma exposição faz com que possamos pensar e criar diferentes discursos, mas antes de se pensar no discurso para cada indivíduo, temos que pensar quem é esse indivíduo para o museu e de que forma ele pode interferir na instituição.

Esse indivíduo seria o público da instituição:

Tendo em consideração que atualmente a noção de público de museu é muito mais abrangente e diversificada, não mais restrita somente àqueles que visitam o museu, governo, sociedade civil, patrocinadores, grupos locais, colaboradores passam a ser considerados públicos das instituições museológicas. Um fato que se apoia no reconhecimento da existência de diversos tipos de relações entre o público e a instituição, podendo um indivíduo assumir o papel de visitante, usuário, investigador, beneficiário ou colaborador, em diferentes momentos, de acordo com a circunstância. (FIGURELLI, 2013, p. 36)

Pensando nisso, ao longo dos anos a palavra público vem sempre acompanhada de um S para representar a sua pluralidade, dessa forma legitimando seu estudo e pesquisa sobre suas variações, de forma que as instituições terem conhecimento e para basear as suas ações pendentes. “O público deixa de ser um grupo construído de uma vez por todas para tornar-se um organismo vivo que se forma e se desfaz, composto de grupos sociais diferentes a cada período, sugerindo o uso do termo públicos’ no plural.” (KOPTCKE, 2012, p. 219)

Existem diferentes indivíduos, com seus comportamentos e interesses múltiplos, e essa diversidade os tornam públicos bem diversos e a sua interpretação da informação também “A construção de um público fragmentado no seu perfil e nas formas de visita” (KOPTCKE, 2012, p. 219). Cada um desses públicos conversa e sente de forma variadas e devem ser pensados e analisados para que se consiga compreender e sentir parte da exposição, pensando nisso a investigação do público torna-se vital.

Temos com Costa e Brigola (2014, p. 128): “[...] as instituições museais devem atentar que o seu público visitante pode ser constituído por uma infinidade de segmentos destacados pelos *museum studies* como: famílias, estudantes e professores, profissionais, especialistas [...]”

Lembrando que não existe museu sem público, pois sem o mesmo não teríamos a quem comunicar e os conhecimentos retidos dentro de seu espaço ficariam preso dentro de suas paredes. Temos as primeiras iniciativas de registrar essa visita que ocorreria no museu para reconhecer quem são os mesmos, eram livros de visita preenchido por funcionários específicos que estavam nos ambientes de recepção ou da sala específica, ou se utilizavam de assinaturas no livro ouro da

instituição. No Brasil esses primeiros registram data do século XIX e XX, eram demarcações de mês e ano (KOPTCKE, 2012).

Esses estudos de visitante podem ser relatados como ato de busca pelo conhecimento metódico sobre os visitantes da instituição, públicos que frequentam ou que poderiam frequentar, como a intenção de adquirir o conhecimento e poder colocar em prática suas ações de forma eficaz. Pois conhecer seu público e pretensões podem ter as ações melhoradas e tornando mais eficiente.

Como outras instituições culturais, os museus atraem aqueles visitantes que se identificam com suas propostas. Ao longo dos anos, os museus definiram sua imagem para o público e criaram também sua imagem do público (ALMEIDA, 1995, p. 327).

Os funcionários do museu têm como sua função conseguir criar diálogos e transmitir conhecimento a partir da ação de passar por uma exposição, mas como se pode fazer isso pois dependendo do interesse do museu o seu público vai variar e assim seus objetos e formas de se criar uma exposição também (KOPTCKE, 2012).

Percebe-se que a escolha de público é importante no momento de se criar uma exposição, ou projeto em uma instituição museológica. Porém, antes precisamos conhecer quais são esses públicos e quais as tipologias, segundo Cândido

Os diversos públicos podem variar de museu para museu [...] elencam: público infantil, público familiar, público escolar, público com necessidades especiais, público adulto, idosos. Cada um com suas características, expectativas, demandas, necessitando de uma abordagem específica por parte do museu. (CÂNDIDO, 2014, p. 61).

Com base nisso, as instituições museológicas determinam um público específico para cada uma de suas exposições, de forma a poder se comunicar efetivamente, a escolha de público não fecha a exposição para o grupo, pois dependendo disso os seus objetos variam, mas de forma efetiva tem a missão de conseguir criar um vínculo com o mesmo (KOPTCKE, 2012).

As possíveis avaliações das ações do museu e das próprias visitas são um desafio pensando que cada indivíduo vai com um interesse bem diferente a instituição tendo também níveis de conhecimentos ainda mais diversos (ALMEIDA, 1995).

Com isso a avaliação é algo individual para que se possa ver essas diferenças, analisando o que cada um prestou maior atenção e o que teve maior dificuldade. Mas Almeida (1995, p. 328) traz o papel de um mediador na montagem da exposição vendo a importância do discurso: “Geralmente a linguagem dos objetos é desconhecida pelos visitantes, cabendo aos curadores, *designers* e educadores auxiliar o visitante a encontrar significados”.

Mas no final o público mesmo definido nessas especificações tem suas variáveis e nuances de forma que isso deve ser pensado e analisado. Mas devido a essa pluralidade e diferenças torna-se impossível o museu conseguir trabalhar com todas as possíveis variações, assim ele deve reconhecer a existem essas variações de públicos. Mas sempre deve analisar sua exposição ou projeto pelo olhar do próprio público escolhido, respeitando e entendendo com quem querem falar.

A avaliação ajuda os profissionais de museu a conhecer a compreensão do público e suas respostas as exposições e programas. (ALMEIDA, 1995, p. 328).

Quando o museu elabora uma exposição e escolhe seu público, ele possibilita a comunicação e todo os projetos da melhor forma que imagina, mas é apenas com essas avaliações que a instituição consegue ter a certeza e melhorar ou corrigir quando necessário (ALMEIDA, 1995). Essas avaliações têm que ser voltadas as especificações de cada exposição, assim, o público pode responder de forma efetiva as suas necessidades e da exposição.

3.4 FORMAÇÃO DE PROFESSOR PARA MEDIAÇÃO ENTRE ALUNOS E O MUSEU

Os professores encontram dificuldades no momento de organizar um passeio fora do ambiente que a própria escola oferece, complicando muitas vezes o andar de projetos e contribuições nas salas. Pois além do mesmo ter que pensar e organizar planos de aula, horários e atividades que dialoguem e conversem com o que será apresentado tem que organizar transporte e permissão enfrentando muitas vezes portas

fechadas por falta de verba. Criando assim um certo desgosto a ir nesses ambientes diferentes.

Para a maioria dos professores, conduzir uma turma de escola ao museu é uma aventura. Uma operação que demanda um esforço de organização e uma disposição para encontrar soluções que já demoveu a muitos. Providenciar agenda no museu, viabilizar o transporte, solicitar as autorizações das famílias, da direção da escola, enfim, uma série de ações que todo o professor gostaria que já estivesse resolvida para que pudéssemos pensar apenas nos conteúdos de ensino. Reconhecendo o valor de quem realiza essa parte operacional, nosso desejo aqui é justamente discutir a parte do planejamento didático que dá sentido educacional a visita ao museu. (PACHECO, 2012, p. 63)

O museu é um espaço que cria fascínio nas pessoas criando o interesse, no entanto devemos reconhecer a dificuldade que é hoje o professor conseguir levar seus alunos até esses espaços e conseguir que eles valorizem este movimento. É com o professor que se consegue fazer uma conversa com esse público, jovem, é também com ele que conseguimos conhecer um pouco dos alunos e de que forma conseguimos atingi-los em uma mediação.

A mediação designa a ação de reconciliar ou colocar em acordo duas ou várias partes, isto é, no quadro museológico, o público do museu com aquilo que lhe é dado a ver; sinônimo possível: intercessão. Etimologicamente, encontraremos no termo “mediação” a raiz med, que significa “meio”, raiz que pode ser lida em diferentes línguas (no inglês middle, no espanhol médio, no alemão mitte), e lembra que a mediação está ligada à ideia de uma posição mediana, a de um terceiro que se coloca entre dois polos distantes e que age como um intermediário. Se esta postura caracteriza bem os aspectos jurídicos da mediação, em que alguém negocia a fim de reconciliar adversários e de alcançar um modus vivendi, essa dimensão marca também o sentido que toma essa noção no domínio cultural e científico da museologia. Aqui também a mediação se coloca “entre dois”, em um espaço que

ela buscará reduzir, provocando uma aproximação ou, dito de outro modo, uma relação de apropriação. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014, p. 52)

Quando pensamos na função de um professor e no que ele faz, podemos ver nela nada mais do que um mediador de assuntos ou informações variadas apresentadas aos seus alunos. É por meio desse reconhecimento da função do professor, que o museu enxerga a importância deste como mediador, pois a função do educador acaba contribuindo na relação entre museu e o aluno. Fazer o professor conhecer o museu e estreitar esse laço, faz com que ele se torne íntimo desse espaço para que assim reconheça não só a importância (BULGRAEN, 2010).

O professor muitas vezes não é reconhecido como mediador de um conhecimento, mas sim como alguém que faz seus alunos gravarem conhecimento sem ser algo importante, isso no conhecimento geral. Mas pensando que é o professor que melhor conhece seus públicos (nesse caso os alunos) de forma a se for utilizado esse conhecimento podemos criar uma visita de uma qualidade muito mais marcantes aos mesmos.

Ramos (2004) apresenta os Objetos geradores, seguindo a linha de raciocínio que Paulo Freire usava na palavra geradora. Refere-se a alfabetizar a população mais velha utilizando palavras de seu vocabulário, palavras que não são estranhas, pelo contrário, elas seriam comuns de se usar (RAMOS, 2004.). Dessa forma, os dois acreditam que trabalhar um objeto ou até uma palavra sem causar um estranhamento faz com que o ensino ocorra de forma tranquila.

O professor quando não conhece a instituição, acaba não percebendo as possibilidades de diálogo com a sua disciplina, pensando apenas na tipologia do museu ou nele como um ambiente fechado para ir com o aluno.

O espaço (museal) que o professor pode tomar para si já tem uma preparação previa com o ensino formal, como a forma de organizar ideias e discursos, quando se permite aproximar os discursos reconhecendo o padrão próximo facilitando o ensino e o papel do professor (PACHECO, 2012).

Quando o professor se aproxima da instituição, toma o espaço como parte de sua didática, assim como membro frequente deste espaço, pois ele começa a criar uma vivência no ambiente e estabelecendo laços com os funcionários que os recebem.

É nessa aproximação que as conversas e diálogos ocorrem entre museu e professor, assim conseguindo criar uma interação de melhor

qualidade para o aproveitamento do aluno, propondo e executando atividades que dialoguem entre o que o museu deseja passar e o que o professor quer ensinar.

e percebe que nem sempre aquilo que a instituição propõe ocorre na prática, muitas vezes porque as expectativas dos alunos e dos professores são diferentes das propostas pela equipe do museu. (ALMEIDA, 1997, p. 52)

Um museu preparado para visitação de um público consegue apresentar os temas que são importantes aos mesmos, ir a instituição tendo um conhecimento da mesma faz com que a visita se torne diferente por já ir com dúvidas e curiosidades, isso desmistifica o museu e o torna um lugar de conhecimento e interação social.

Quando se media deve-se ficar atento a sua volta, conhecer seu público de forma a ter uma ideia do que vai interessar e assim saber se alguém de lá tem alguma particularidade (MARTINS, 2006). Reconhecer que a mediação não é um trabalho fácil para o museu transforma o professor em uma pessoa capaz de contribuir com essa parceria e conhecendo o museu e sabendo o que a instituição faz e em como se pensa a exposição e as dúvidas por trás de cada objeto e de sua colocação permite que o professor se prepare para reconhecer a importância do mesmo para que aquilo ocorresse.

Quando o professor descobrir seu papel como peça fundamental para que a relação aluno e museu ocorram, reconhecendo seu papel como mediador e interlocutor dessa relação, melhorando assim os diálogos entre esses dois grupos. Aprofundando sua, experiências de construção de indivíduo, quando ensina, criando a algumas jovens oportunidades de conhecer e aproximar de espaços até então distantes e estranhos com os mesmos, um local onde aparentemente não são bem-vindos nem aceitos.

O papel do professor que a muito já foi descoberto pelas instituições museológicas, que media e aproxima aluno e museu não pode ser permanecida subentendida e sem o espaço e preparação necessária para que assim se consiga um diálogo melhor e de qualidade melhorando assim o contato dos alunos com o museu e do museu com todo esse público.

Essa aproximação entre professor e museu permite a instituição uma nova chance com esse grupo que pode se sentir deslocado com o espalho da instituição museológica

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisaremos os dados levantados nas fichas de avaliação produzida pelo Núcleo de Ação Educativa (NAE) do Museu Histórico de Santa Catarina e realizada com os professores que participaram do Projeto de Formação de Professores. Além disso, apresentaremos reflexões e apontamentos para promover melhorias no projeto a partir dos resultados encontrados.

4.1 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

A equipe do Projeto de Formação de Professores após o final de cada atividade, convida os públicos a avaliar o encontro de forma a olhar como a pessoa que frequenta a ação interpreta e compreende essa experiência. O intuito desta avaliação é melhorar ou corrigir determinadas situações que não se encaixam na realidade dos públicos e/ou da instituição, assim, a avaliação atende o indicado pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais:

Inicialmente, é preciso definir o que será avaliado: objetivos, conteúdos, aprendizagens, atitudes do público, material didático, tempo da ação, desempenho dos educadores, dentre outros. Em seguida, deve-se decidir de que forma essa avaliação será aplicada. Algumas possibilidades são aplicação de questionários individuais e promoção de discussões coletivas. O livro de assinaturas do museu também é uma importante ferramenta para a coleta de dados.

Esse momento é importante para que o visitante possa se expressar, manifestando sua satisfação ou apresentando críticas e sugestões. (MINAS GERAIS, 2011, p. 17)

Ressalta-se que esse tipo de guia é de grande importância no momento que se pensa na avaliação desta atividade, pois é possível perceber a estrutura de informações específicas para dialogar com os públicos da atividade. O projeto de formação de professores do NAE possui dois questionários: Avaliação 1 (anexo C), elaborada pelo MHSC

para uso de visitação à instituição; e a Avaliação 2⁶ (anexo D), criada especificamente para analisar o projeto de formação de professores “Museu Histórico de Santa Catarina: Interface com a Educação”.

Verificamos que a avaliação 1 (anexo C) não seria de grande utilidade para a avaliação do projeto analisado, uma vez que não permite contar com a interpretação dos públicos e sua compreensão. A ficha de avaliação 1, não explica a relevância e o papel deste questionário para o projeto, tendo como perguntas: “nome”, “e-mail”, “idade”, “escolaridade”, “qual a sua ocupação”, “cidade” e “país”. Logo abaixo tem uma tabela que questiona qual o seu grau de satisfação em relação a instituição: “Recepção”, “Acessibilidade”, “Segurança”, “Limpeza”, “Conservação”, “Iluminação”, “Acervo”, “Exposição” e “Mediação”.

A avaliação é composta pela nota de 1 a 5, sendo 1 extremamente insatisfeito e 5 muito satisfeito, além do N/A (Não se Aplica). Abaixo disso, possui a pergunta “Registre sua opinião sobre o Museu Histórico de Santa Catarina (Responda no verso)” podendo ser considerado o único momento que o professor pode apresentar sua opinião sobre o projeto o qual participou, porém não possui respostas suficientes sobre a atividade para que seja possível avaliar o mesmo.

Já avaliação 2 (anexo D), apresenta em sua ficha tópicos que são importantes para conhecer seu público e informações que o museu necessita, permitindo ao mesmo uma chance de melhoria ao projeto. Ao conhecer o que o público pensa sobre o projeto, e de que forma seria mais eficaz o diálogo e o que é possível ou não ser melhorado.

As avaliações efetuadas pelo MHSC não abordaram todos os professores que frequentaram o projeto, e na hora da guarda das fichas de avaliação, não foram separadas por encontro ou ano dificultando saber de quais foram os encontros que ocorreram as avaliações e quais foram os encontros que tiveram o questionário, isso faz com que crie lacunas na pesquisa e nas informações que se retirou da mesma.

Ao longo dos dois anos de projeto realizado, 2016 e 2017, um número expressivo de professores participaram, sendo no total 130 professores, sendo que em 2016 o projeto atendeu 84 professores e 46 professores atendidos em 2017. No entanto, tivemos acesso a apenas 32 fichas de avaliação⁷, sendo 11 da avaliação 1 (anexo C) e 21 da avaliação 2 (anexo D). No entanto, o armazenamento das informações dos

⁶ A pedido da instituição MHSC as fichas preenchidas pelos participantes não serão divulgadas, sendo apresentada apenas as análises das respostas.

⁷ A equipe do museu não separa as avaliações por ano ou por encontro, tornando-se impossível a identificação da correspondência das respostas com as atividades.

encontros que foram utilizados esses questionários também se perdeu de forma a não se ter clareza de qual ano cada um foi entregue.

Gráfico 1 - Tabela de Avaliação



Fonte: Criado pela autora, 2019.

O gráfico representa os professores que não responderam⁸ as fichas de avaliação junto aos que responderam, seja a avaliação 1 ou a 2, a fim de apresentar a numerosa falta de avaliação. Essa discrepância no número de professores que vão ao projeto e o número de professores que avaliam (ver gráfico 1), é algo que torna muitas vezes a utilização dessas avaliações ineficaz.

Cabe ressaltar, que as avaliações que o museu elabora são fundamentais para a troca de informação/ conhecimento com seu público, neste caso os professores. Segundo Almeida (1995), a avaliação tem a base de construir informações que contribuam com o discurso, analisando de que forma podem melhorar e como se pode contribuir com o projeto e se o público interpreta as ideias de forma a utilizar em sala de aula.

Logo no começo da ficha de avaliação 2, temos um tópico intitulado “Avaliação” (anexo D), apresentando quais são os núcleos que participam do curso e quais são os principais interessados pela resposta, como: o Núcleo de Conservação e Restauração, o Núcleo de Museologia

⁸ Não sabemos ao certo se os participantes receberam ou não a ficha para avaliação ao fim da atividade.

em conjunto com o NAE. Requerendo o preenchimento do formulário. Agradecendo a participação do docente.

Este tópico que serve para apresentar a avaliação e qual seria a sua função, o que não ocorre na apresentação escrita no começo da ficha de avaliação de forma a contar com a explicação de quem entrega a avaliação, podendo explicar de que forma isso vai contribuir verdadeiramente com a instituição e com o NAE, mostrando a importância do papel do docente.

Abaixo dessa apresentação se tem uma tabela na qual é dividida em 6 partes, apresentando de forma básica quem é o professor qual a disciplina que leciona e sua percepção sobre a atividades.

No campo intitulado “Seu Local de Trabalho” temos 4 subcampos nos quais são apresentados o “Nome da Instituição”, “Endereço”, “Telefone”, “E-mail”. Este último subcampo pode ter uma interpretação ambígua já que apenas 2 professores colocaram o e-mail da escola⁹.

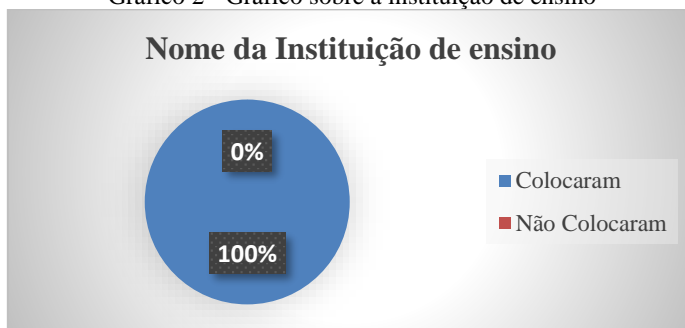
Esse campo seria uma forma de identificar o professor e a instituição em que o professor trabalha, de forma a poder utilizar para pesquisar as informações. O campo nome do professor não é utilizado, uma vez que não se considera importantes as questões apresentadas de interesse do museu, tendo a única informação pessoal o e-mail garantindo assim uma comunicação entre a instituição e os professores que participaram do mesmo.

Nesse momento iremos analisar os campos com respostas específicas da instituição, para que assim possamos conhecer e saber como o professor percebe o projeto, de forma a conhecer o projeto e suas opções de comportamento.

No subcampo “Nome da Instituição”, se tem 21 professores identificando a instituição em que trabalha, neste caso todos os professores escreveram pelo menos uma das escolas em que trabalha. Identificamos um funcionário da Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina e professores com 2 instituições de ensino.

⁹ Seguindo o padrão de e-mail do estado, os outros utilizam seu próprio nome.

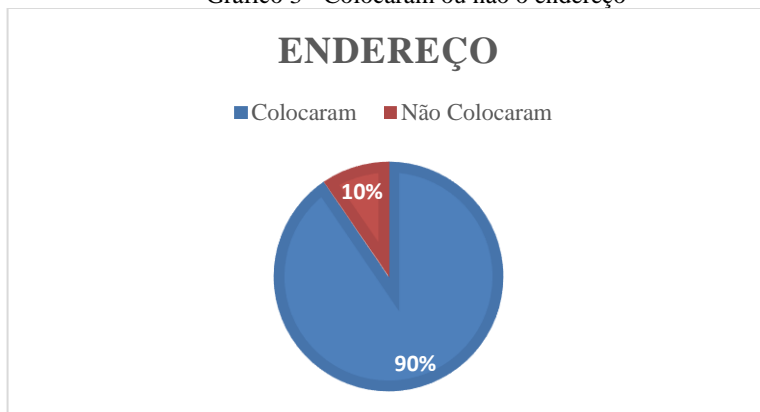
Gráfico 2 - Gráfico sobre a instituição de ensino



Fonte: Criado pela autora, 2019.

Já o subcampo “Endereço” contamos com 19 professores com endereço (sendo respostas variadas completas ou incompletas), tendo apenas 2 professores que não respondem, as respostas variam quantidade de informação, podendo ser por não saberem ou não acharem importantes.

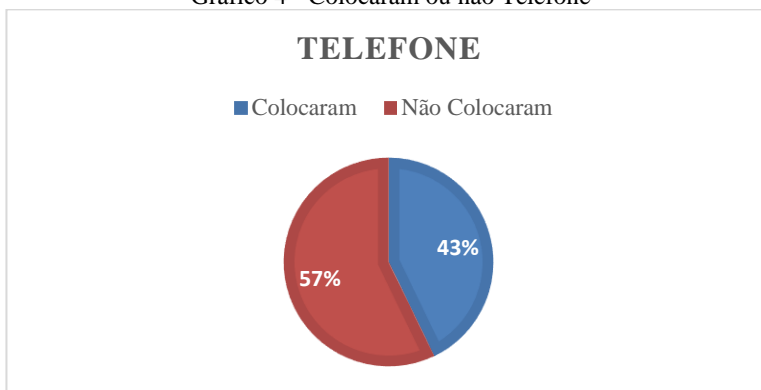
Gráfico 3 - Colocaram ou não o endereço



Fonte: Criado pela autora, 2019.

Tendo no telefone a menor quantidade de respostas sendo 9 professores informaram, podendo ser por não se ver relevância nessa informação, ou por não saber o da escola que nem todos os professores sabem.

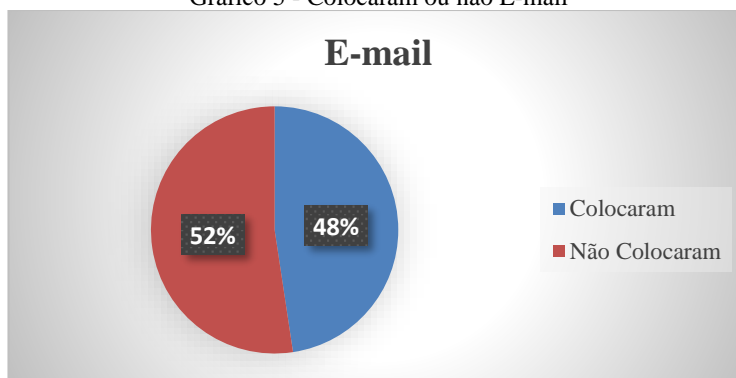
Gráfico 4 - Colocaram ou não Telefone



Fonte: Criado pela autora, 2019.

Já no e-mail que seria uma das coisas mais importantes dessa primeira parte para se manter o contato entre a escola e o museu, ou até mesmo museu e professor. Verificamos apenas 10 respostas e sendo apenas 2 respostas remetendo ao e-mail formal da escola, podendo ter tido pouca resposta devido a ter ficado confuso de quem era o e-mail que se devia colocar, pensando que apenas 2 pessoas colocaram o e-mail da escola, mas podendo não saberem o da escola.

Gráfico 5 - Colocaram ou não E-mail



Fonte: Criado pela autora, 2019.

O questionário deixa em dúvida se seria as informações pessoais do professor ou da escola, da mesma forma o e-mail, isso pode ter os impedido de responder de forma a essa grande diferença entre a primeira

questão e as últimas, tendo também o caso de não saber o que escrever, as informações das instituições.

Saber o endereço e o telefone da escola em que o professor trabalha é algo prático, adiantando o trabalho e o aproximando, pois são dados já existentes na internet, quando se tem o nome da instituição e por isso não tem uma relevância para que se crie a melhor interação. No que diz respeito aos e-mails, consideramos como método eficaz de manter contato e iniciar um novo com esses locais e profissionais, por exemplo, enviando divulgação de novas ações e exposições.

Já no campo 2 “Sua formação/ Disciplina que ministra”, sendo que os subcampos a segunda parte da questão pois são subcampos “Sua Formação” e “curso”, temos assim outro foco e interesse de contribuir com a identificação do professor e da instituição em que se formou.

No subcampo de “Instituição de Ensino”, temos 16 respostas dos 21 professores que responderam.

Gráfico 6 - Respondeu ou não sobre Instituição de Ensino



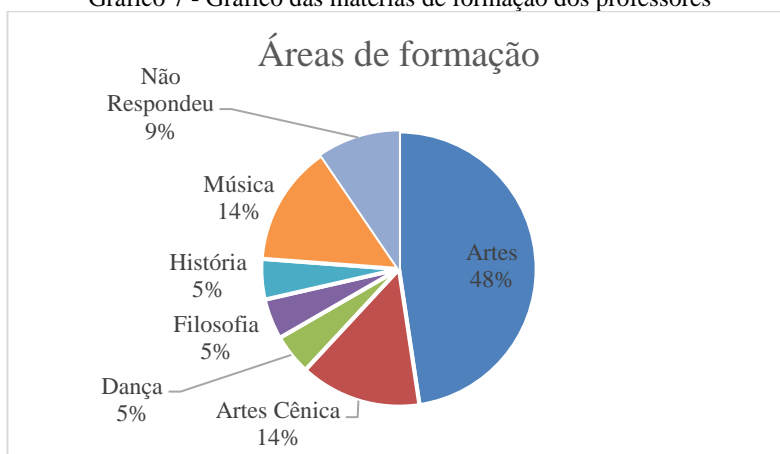
Fonte: Criado pela autora, 2019.

Nesse campo, temos a pergunta referente a instituição onde o professor estudou, não tem uma justificativa de que isso irá contribuir com a interação dos professores e o museu, podendo trazer desconforto. Além disso, não fica muito claro o subcampo “curso”, se está se referindo a formação do professor ou qual disciplina ministra, conforme o nome do campo. Neste caso, o subcampo poderia ser “Curso e Instituição de

Ensino” e “Disciplina que ministra”, pois . muitas vezes os professores são realocados para ministrar disciplinas diversas, que não necessariamente corresponde a sua formação.

Já na pergunta de “Curso”, apenas 19 professores inseriram sua formação, sendo um número pequeno se compararmos com os 130 professores que frequentaram os encontros. Para tanto, os cursos de formação citados foram: Artes, Música, História, Filosofia, Dança e Arte Cênicas

Gráfico 7 - Gráfico das matérias de formação dos professores



Fonte: Gráfico criado pelo Autor (2019)

No gráfico 7, podemos constatar que o curso de artes possui o maior número de respostas, podemos ver ainda uma variação de Dança, Música e Arte cênicas que no âmbito do ensino público encontram-se em sua maioria nas aulas de artes, tornando assim o número ainda maior.

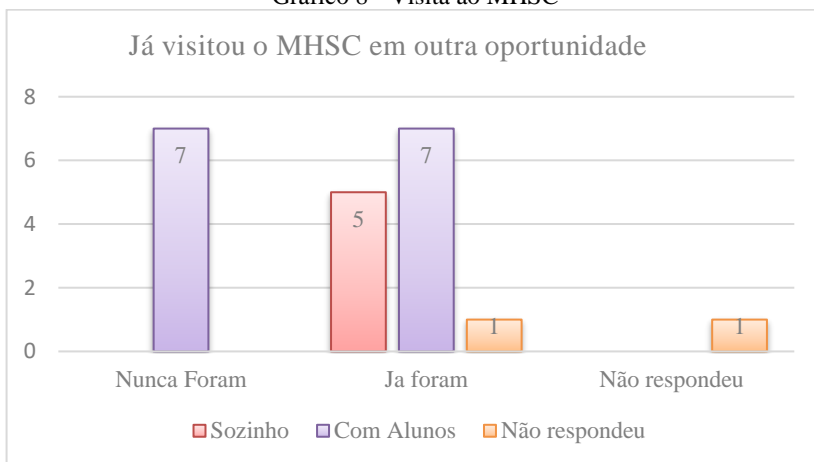
Dessa forma, pode haver uma preparação bem específica da instituição, pois se conhece o público que mais frequenta os eventos e que podem contribuir para os encontros futuros. Pois é possível a partir desses, construir exemplos e diálogos durante as mediações e apresentações, de modo a criar vínculo de com os professores.

Os próximos campos apresentados na ficha de avaliação são importantes, pois dialogam com o desejo de conhecer o público depois do encontro ter ocorrido. Assim, buscam saber quem são essas pessoas e o que elas pensam do museu, sendo esse o primeiro contato com o museu de forma efetiva. Além disso, foi elaborado um campo para os professores responderem em média quantas vezes já levaram seus alunos ao museu.

Temos no próximo campo o questionamento: “Já visitou o MHSC em outra oportunidade?”, com a opção de sim e não, e se “Em caso afirmativo, veio com alunos?” também com a resposta sim ou não. Estas questões, permitem que a instituição tenha uma ideia sobre se os professores já conhecem ou não o museu.

Destacamos que é interessante olhar para essa perspectiva, pois pode se ver quantos professores tiveram como primeiro contato essa visita ou se já teriam ido anteriormente, sozinhos ou acompanhado de alunos, pensando e analisando se esse público tem tendência a visitar museus ou não.

Gráfico 8 - Visita ao MHSC



Fonte: Gráfico criado pelo Autor (2019)

As respostas dessa questão são que 7 professores nunca tinham ido a instituição e o encontro seria seu primeiro contato com a mesma, assim verificamos como esta atividade pode criar um vínculo importante com os professores. Já os 13 professores responderam ter visitado anteriormente a instituição, 7 levaram seus alunos ao museu (não se sabendo nenhuma informação desse acontecimento) e 5 nunca levaram, realizando visita em momentos que não inclui sua sala de aula. Também tivemos dois professores que não responderam esta pergunta.

Já no campo “O Curso Museu Histórico de Santa Catarina: Interfaces com a Educação pode contribuir na elaboração de uma ação educativa-cultural com seus alunos?”, tendo um espaço para assinalar SIM ou NÃO e, na sequência, o professor pode responder também no

espaço ao lado que contém algumas linhas, para apresentar suas percepções de maneira livre e qualitativa.

Dessa forma, temos a pergunta que vai criar justificativas de possíveis diálogos e interação com os professores que lá chegam, ampliando o ambiente de aula e de aprendizado.

Todos os 21 professores que responderam a essa ficha assinalam que sim iria contribuir com suas interações futuras, entre suas aulas e o museu, temos ao todo 18 comentários sobre como isso contribui e de que forma poderia ocorrer. Abaixo exemplificamos com algumas das respostas:

- PROFESSOR 1: “O curso abre horizonte para novas abordagens metodológicas desmistificando o museu.”
- PROFESSOR 2: “A visita amplia o conhecimento teórico que em sala passem despercebidos.”
- PROFESSOR 3: “Contribui e constrói meu acervo cultural sobre a Arte e a história de Santa Catarina.”
- PROFESSOR 4: “A diversidade de recursos e metodologias possíveis de serem trabalhadas com o acervo do museu e no museu.”

As respostas que ocorreram na atividade gira toda entorno desse tipo de resposta e em como isso contribui com os profissionais em seus ofícios. A noção de que a atividade pode contribuir e melhorar o conhecimento dos professores, acrescentando assim uma análise e melhorias em sua didática de aula, pois muito acrescentam a diversidade de conhecimento, essa resposta é um ponto para olharmos o professor como mediador e como o mesmo se enxerga quando apresentam o seu crescimento e aprendizado e falam em levar isso para a sala de aula.

Essa próxima pergunta “A Carga horária é suficiente para o conteúdo apresentado?” tendo que ser anexado em SIM e NÃO é importante ainda mais quando permite comentários, pois dessa forma além das suas respostas temos comentários sobre os assuntos e criamos assim a linha de interesse e de que forma a carga horária funciona com o ideal ao curso.

A carga horária é bem complexa, pois tem que se pensar que trata-se de um grupo de pessoas que trabalham durante toda a semana em sala de aula, tendo uma carga horária bastante variada.

Foram 21 respostas, sendo 12 professores que acham o tempo da atividade bom e 9 consideram insuficiente a carga horária de forma a criar assim um vínculo maior e a aprendizagem mas eficazes.

Gráfico 9 - Gráfico sobre a carga horária



Fonte: Gráfico criado pelo Autor (2019)

Na análise das fichas, verificamos que 2 professores comentários nesse ponto da ficha, esses dois comentários pedem uma carga horária maior e atividade prática nesse contexto. Não deixando claro o que seria essa atividade prática já que a primeira parte do curso já possui.

A uma complexidade nessa análise devido as respostas estarem próximas fazendo com que complique a análise pois não tem como se ter certeza se os horários estão bons ou não.

Temos no último campo “Gostaríamos de sua opinião e/ou sugestões sobre o curso (pode usar o verso da folha)” nessa parte busca saber a opinião ou sugestão do professor, para que assim a equipe do museu possa saber o que funcionou e o que não funcionou em todo este projeto. Assim é possível avaliar se as mudanças e reformulações que são realizadas após a análise das fichas, trouxeram melhorias para a ação.

É através dessas respostas que se espera ter opiniões espontâneas e sinceras sobre a atividade, acrescentando pontos onde possa ser investido e melhorado todo o processo do curso. Neste momento, o NAE tem a garantia de que estaria dando certo e o que não estaria funcionando para os professores.

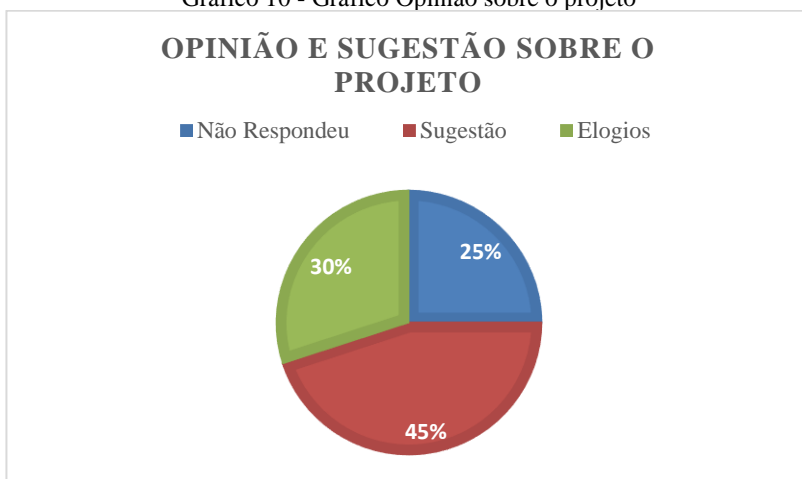
Temos 5 respostas em branco que de forma geral tem que ser levado em conta, pode ter vários significados um deles seria que o MHSC não conseguiu dialogar com esses membros de forma a não pensarem na importância dessas respostas. Outras 7 pessoas que falaram muito bem da performance da atividade, mencionando que o que foi proposto e foi executado, elogiando o conteúdo apresentado e a forma em que as

atividades foram executadas, elogiando o começo do curso com a atividade que é feita para pensar as ações executadas pelo museu.

Além desses, 9 professores deram sugestões de ações que poderiam contribuir com a ação e a interação entre museu e os mesmos. Com opções de ações que eles acreditariam que seria bem mais aptas a melhorar o desenvolvimento da ação. E pedido para que se interaja com os públicos surdos, divulgação mais ampla do projeto, olhares demorados sobre os ambientes de forma crítica, tendo alguns que se destacam por repetir em outros ou por serem pedidos bem específicos:

- PROFESSOR 3: “Seria interessante entrega de material p/ usar em sala de aula como por exemplo “Poster de Cruz e Souza ou da arquitetura.””.
- PROFESSOR 4: “Mais Pratica – Vivencias Oficinas”.
- PROFESSOR 5: “Vídeo institucional direcionado ao surdo (Produção de Material p/ esse público). Produzir um caminhão itinerante que vá as escolas”.
- PROFESSOR 6: “Encaminhar material para as escolas”.

Gráfico 10 - Gráfico Opinião sobre o projeto



Fonte: Gráfico criado pelo Autor (2019)

Essas respostas fazem com que se veja e se trabalhe o que poderia e deveria ser melhorado, como a divulgação, pois poderia deixar de lado a função de ser exclusivamente das secretarias da educação estadual e municipal e começa a ser em conjunto indo além deles. O museu pode pedir uma lista de e-mail das escolas para as secretarias e criar um texto simples sobre atividade, os dias, os temas abordados, e que tem

certificado informando as horas. Isso permite até a instituição dialogar de forma previa quais seriam esses públicos e ocorrendo um interesse.

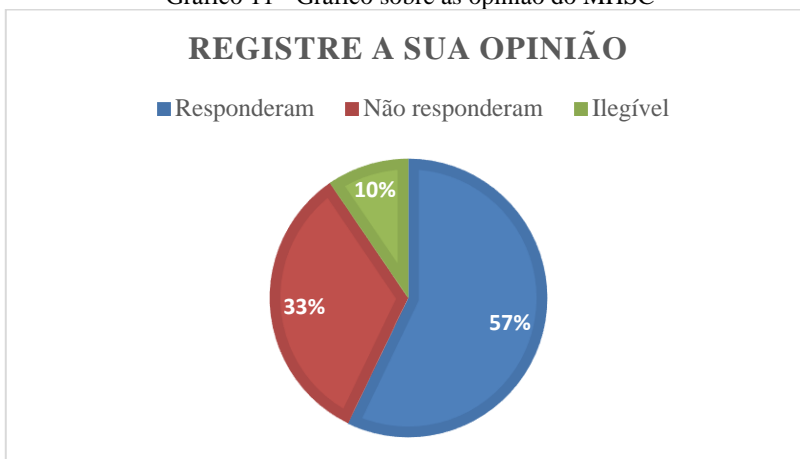
Temos no próximo campo uma sequência de pontos sobre a situação do museu e como o público se sentiu nesses espaços. Tendo pergunta sobre a arquitetura, e exposição: “Recepção”, “Acessibilidade”, “Segurança”, “Limpeza”, “Conservação”, “Iluminação”, “Acervo”, e “Mediação”.

Separados em formas de avaliação entre “Excelente”, “Bom”, “Regular”, “Ruim” e “Não sei”, o professor deve assinalar onde considera que o museu alcançou o nível. E possui uma última interação sobre o espaço do museu, para que o professor possa comentar o que achou sobre a experiência de visitar e circular pela instituição.

Tendo na acessibilidade apenas um item assinalado como “Ruim” e 3 como “Regular”, os outros itens foram assinalados entre excelentes e bom de forma a termos boas respostas sobre a informação, mesmo que esse não sendo os itens de maior interesse dessa ficha de avaliação.

A última informação é um comentário que pode ser feito pensando no todo da exposição sendo elogios ou opiniões de forma a criar e executar a experiência, intitulado “Registre a sua opinião sobre o Museu Histórico de Santa Catarina”. No qual, 7 professores deixaram em branco, 2 que o xerox ficou mal colocado de forma que não se conseguem ler a pergunta, e 12 que responderam a relacionados com a boa localização do museu, a arquitetura do prédio e de como a experiência foi boa, tendo uma resposta que se destaca devido a ser extensa e que elogia a ação.

Gráfico 11 - Gráfico sobre as opiniões do MHSC



Fonte: Gráfico criado pelo Autor (2019)

As fichas contém informações que contribui muito com a forma de pensar na exposição e o projeto, possibilitando melhorias e reflexões sobre a interação com o público em questão. No entanto, infelizmente as fichas não havia sido avaliadas pela equipe do NAE e também não corresponde a todos os encontros, o que complica o desenvolvimento de uma avaliação de qualidade.

Temos no decorrer da execução do projeto a mudança de ação que teve como função melhorar a experiência e o desenvolvimento do projeto, a troca de turno da visita mediada buscou o desenvolvimento mais eficaz. Dessa forma, o diálogo, a análise das fichas e o retorno dos professores poderiam melhorar se a leitura e análise dos dados existentes fosse realizada.

4.2 APRESENTANDO RESULTADO E SUGESTÕES DE AÇÕES

O projeto pretende ter uma interação boa e de longa duração com os professores que são seu público no momento da ação. Quando se lê o projeto e olha através das necessidades e dúvidas que o museu aparenta ter, vemos nas poucas respostas algumas mudanças que poderiam ocorrer e assim conseguir uma melhor interpretação. Porém, a falta de algumas perguntas ou modificações em outras, permitiria que as informações que se teria sobre os professores acabam se perdendo e não sendo feitas de modo a dificultar o diálogo entre público e o museu.

Tendo o NAE a função de pensar e analisar seu próprio projeto, e a forma em que o mesmo trabalha, pois, o núcleo é responsável para aproximação entre públicos e museu, criando e permitindo diálogos sendo isso sua função.

É função do NAE criar esses projetos, pois essas ações educativas dialogam, trazendo assim pessoas diferentes para a apropriação desses temas, firmando diálogos com os públicos alvos da exposição ou da ação educativa.

Podendo trazer a citação já apresentada sobre o que seria uma ação educativa “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (IBRAM, 2017, p. 1).

Por essa vertente vemos a importância e dever de analisar respostas e o próprio projeto, pois só dessa forma podemos descobrir se a ideia foi alcançada e se a proximidade com o tema sugerido ocorreu. O museu não pode trabalhar com sua própria percepção sem olhar e dialogar com

aqueles que são o alvo, e é na avaliação que o museu analisa a perspectiva dos públicos (ALMEIDA, 1995).

Essa avaliação deve ser trabalhada especificamente para cada exposição, e projeto pensando que só assim vamos valorizar e ouvir opiniões e pensamentos que falem de forma específica do projeto apresentado, pois eles são as pessoas que estão do outro lado, não podendo manter sempre nas impressões e achismos dos funcionários da instituição.

Para que não ocorra o caso da Avaliação 1 (Anexo C), que no fim não dialoga com as necessidades de respostas, pois as mesmas não são feitas para pensar no projeto de forma a abordar informações do docente como profissional dessa área. Com base nisso a avaliação 2 (Anexo D) foi pensada e reanalisada criando assim suposições de um melhorias campo 1 e 2.

Utilizaria de forma diferente as questões apresentadas no campo 1 e 2 juntando as tabelas e criando uma nova com informações que são mais importantes para se conhecer o professor, e podendo assim ter um contato melhor. Criando assim uma comunicação, mas efetiva e clara.

Quadro 1 - Tabela criada a partir de temas importantes

1 – Informações	Nome da Instituição:
	Município:
	E-mail da escola:
	E-mail Pessoal:
	Disciplina que ministra:
	Séries que trabalha:

Fonte: Criado pela autora, 2019.

Na junção dos dois tópicos temos de forma clara informações que criam um perfil.

Mantendo ainda o professor como anônimo e perguntando apenas o nome da Instituição, deixando o endereço de lado e focando na cidade, pois é a informação que ajudará se precisar ocorrer uma possível busca sobre essa escola. Em seguida se pergunta o e-mail da instituição escola e do próprio professor para que os coloque em sua lista de mailing¹⁰.

Este meio de conversa imediata e de grande qualidade, para que os mesmos consigam se comunicar e dialogar com os interessados. Ainda

¹⁰ Ação de expedir uma correspondência pelo correio. Tendo como função uma lista de e-mail para propagar informações rápidas. (SIGNIFICADO... 2014)

mais quando pensamos na sugestão já apontada pelos professores de melhorar a divulgação a partir do envio de convites para onde eles estão e não para um órgão onde existem várias pessoas que dificultam assim a informação.

Retirando assim o local onde fez faculdade e qual disciplina cursou, pois, o importante no momento seria a disciplina que dá aula e a série em que trabalha, pois a intenção do projeto é qualificar e promover outros olhares para o ensino onde os professores trabalham.

A comunicação que o museu tem com esse público é apenas no momento do encontro, não tendo conhecimento prévio de quem seriam eles e sobre o que eles trabalham. Conhecer seu público previamente permite um diálogo mais tranquilo e duradouro, um diálogo anterior pedindo informações básicas sobre os inscritos permite melhorias no projeto.

Um problema para os museus e instituições dessa modalidade é a dificuldade de passar as mesmas informações para públicos tão variados, pensando que cada um mesmo estando na categoria de professor, leva bagagens próprias um exemplo disso são as respostas de já terem ido a instituição ou não, são conhecimentos prévios e individuais dos mesmos (ALMEIDA, 1995).

Essa variação muitas vezes pode criar um ruído informacional quando a instituição confia e tem certeza que conhece bem seu público de forma a não se interessar em averiguar como o público se sente sobre cada aspecto da exposição, colocando todos como um único ser (ALMEIDA, 1995).

A função de conhecer essa variação e todos os seus seguimentos cabe o núcleo educativo da instituição, pois e com eles a responsabilidade de pesquisar e analisar quem são as pessoas que frequentam a instituição da mesma forma esse projeto para que se conheça e saiba o que dá certo ou não com o mesmo (ALMEIDA, 1997).

Um dos problemas apresentado em quanto foi levantado os dados é a falta de um conhecimento de quem são esses públicos os tornando algo homogêneo, pois saber quais turmas ministram aula e qual disciplina permite fazer interações e conversas sobre abordagens em sala de aula ou formas de trabalhar assuntos no próprio museu, e nesse momento que os professores estará usando o conhecimento adquirido nesse projeto e se não contribuir com isso o que poderá ser usado.

Dessa forma, podemos dialogar de que tipos de públicos se irá trabalhar em cada encontro, pois mesmo se trabalhando com uma vertente de público os professores tem suas variações, podendo ter a certeza disso nas disciplinas de formação de cada um, as series em que os mesmos

trabalham, ter um diálogo mesmo que através de e-mail com a resposta de interesse e qual a disciplina ministrada e serie podem contribuir e muito com os diálogos recorrente durante o encontro.

O projeto pretende trabalhar não só com os professores, mas com a escola em geral pois vem com a ideia de apresentar o museu ao mediador (o professor) que faz o diálogo ocorrer entre o museu e seus alunos e não só com os alunos também com a escola e até mesmo os outros docentes que lá trabalham e não pensariam em usar o museu dessa forma, como complemento do ensino.

De modo que, inicialmente cabe ao educador, mediar conhecimentos historicamente acumulados bem como os conhecimentos atuais, possibilitando, ao fim de todo o processo, que o educando tenha a capacidade de reelaborar o conhecimento e de expressar uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao educador. (BULGRAEN, 2010, p. 37)

Podemos ver no campo 4 “O Curso Museu Histórico de Santa Catarina: Interfaces com a Educação pode contribuir na elaboração de uma ação educativa-cultural com seus alunos?” respostas que nos permitam olhar o professor como ele se enxerga adquirindo esse novo conhecimento.

Nesses campos temos a oportunidade de ver em suas respostas o seu papel como mediador, mesmo que o mesmo não se enxergue assim, mas suas respostas e discussões de interesse confirmam cada vez mais esse papel de destaque e importância. Podemos verificar isto nas respostas: “O curso abre horizonte para novas abordagens metodológicas desmistificando o museu.” (PROFESSOR 1), “Certamente, despertou diversas possibilidades metodológicas para o ensino da arte” (PROFESSOR 6) e “No desenvolvimento de projetos e formação p / a aula de estética da arte” (PROFESSOR 7). Não podemos esquecer das respostas apresentadas anteriormente que também apresentam esse olhar de contribuição com sua didática e que como isso fizeram os mesmos repensarem suas aulas e conversas na mesma.

Essas respostas nos mostram bem a perspectiva do professor que possui conhecimento e que está apto a estimular seus alunos a partir de outros olhares. Assim, percebemos que se o professor é motivado e está aberto para conhecer e pensar sobre outras possibilidades de ensino, ele se colocará como mediador entre o conhecimento e seus alunos.

Esse reconhecimento de seu papel social em contribuir e tendo capacidade de reelaborar a vivência do cotidiano incrementando com seu conhecimento, tendo assim a capacidade de em conjunto com o museu elaborar questões que discutem seu cotidiano nas escolas e dia a dia.

É justamente, pensando nessa “prática social” que o professor deve estar ciente de que não basta tratar somente de conteúdos atuais em sala de aula, mas sim, também, resgatar conhecimentos mais amplos e históricos, para que os alunos possam interpretar suas experiências e suas aprendizagens na vida social. (BULGRAEN, 2010, p. 32)

Pois a maneira de o professor de ensinar, é variada acompanhando sua personalidade, junto com isso temos as diversas disciplinas ministradas. Para tanto, os diálogos devem acompanhar e reconhecer essas diferenças, mesmo que seja complexo, por isso um conhecimento prévio de seu público faz com que isso ocorra de forma mais leve, para que consiga se comunicar e conversar, fazendo com o que os docentes trabalhem em sala de aula, permite uma apresentação de discussão que enriquece toda a ação e mostra a importância dos mesmos de estarem lá, além de mostrar um preparo para os receber.

Essa diferenciação de sala e conteúdo que ocorre no ensino formal deve ser levado em conta na hora de mediar a exposição e também sediar as discussões e dar os exemplos, pois muda-se temas de interesses entre disciplina e séries. Os professores não trabalham os mesmos conteúdos em várias turmas diferentes, como as vezes ocorre com o ensino não formal (CATARINO; QUEIROZ; BARBOSA-LIMA, 2017) que dá em encontros variados o mesmo tópico de ensino devido a interesse e discussão.

A equipe do NAE, pode olhar e analisar seus públicos em cada ação, percebendo que os mesmos podem se encontrar em um mesmo grupo mas não possuem as mesmas percepções e impressões (KOPTCKE, 2012).

A falta de alguns tipos de informações posteriores inviabiliza saber se o projeto tem uma ação efetiva justificando não só o mesmo ocorrer e cada vez melhor mas também melhorias e desenvolvimento eficazes no mesmo.

Mas de forma efetiva a falta de metodologia de se comunicarem com os professores antes continua ocorrendo logo após o projeto, pois os docentes para receberem o certificado tem que escolher duas ações entre

escrever um projeto (ANEXO A) que liga a sala de aula e o museu, de forma a melhor pensar esses diálogos e interpretações dessa possível interação; Ou levar um grupo de alunos a visitar o museu (sendo essa última o mais importante para a instituição, dando mas destaque imediato ocorrendo dessa forma o que se deseja com o projeto).

Mas infelizmente como o NAE não conversa com a preparação de agendamento de visita, ficando a cargo da recepção e das mediadoras, que não são parte efetiva do NAE (pois as mesmas são terceirizadas e contratadas apenas para mediar as exposições), esse conhecimento de quem vai fica perdido nas burocracias da instituição, e o questionamento sobre o retorno do professor, não consegue ser respondido. A pesquisa de seus públicos escolares e um levantamento do NAE sobre isso, poderia sim tornar essa questão efetiva e de melhor resultado.

Com essa escolha e com as informações que foram possíveis de serem recolhidas, fica inviável a descoberta se os professores voltam ou não com seus alunos. E que se quando retornam a instituição, a visita ocorre de forma diferente melhorando ou até mesmo piorando o andar da mediação de forma a poder ser apresentado no trabalho, pois o NAE não marca, separa, ou pensa em outra forma para que se pudesse ter essa informação além do momento que se entrega o certificado ao professor.

O NAE não possui a informação de que os professores voltam na instituição após o curso, mesmo os trabalhos escritos pelos professores só ficam separados em pastas no computador sem pensar em possíveis utilizações para o mesmo.

Dessa forma, sugerimos abaixo, alguns encaminhamentos para auxiliar o NAE/MHSC no recolhimento das informações sobre o retorno dos professores na instituição com os seus alunos:

- Recepção: No momento que um professor agendar a visita ou quando chega com os alunos sem agendamento, os funcionários da recepção perguntam se o professor já participou do projeto do NAE, explicando qual e de que forma funciona.

- Monitoria: As monitoras fazem essa sondagem, perguntando se o professor conhece o MHSC e se já participaram do projeto de formação de professores.

•NAE: No momento de imprimir os certificados dos professores que voltaram ao museu¹¹.Este é o menos efetivo já que pode ser que nem todo professor que volte a instituição pegue o certificado.

Assim, sugerimos que na recepção, na monitoria ou no NAE quando em contato com o professor anotem as informações em um caderno, folha, planilha, etc., de forma a se ter fácil o acesso. Indicamos como informações o dia em que o professor foi ao museu e alguma lembrança sobre o encontro que participou, por exemplo, informações sobre seu vínculo com o estado, o município ou particular, como também, sobre o mês em que ocorreu o encontro. Essa sequência de informações de retorno dos professores depende da forma em que desejem saber sobre a volta do docente.

É importante escolher uma única forma de anotar a informação , pois assim o profissional não vai responder várias vezes de forma a incomodar o mesmo e também as respostas não variarem tendo só uma pessoa responsável por receber e repassar a informação.

Isso irá contribuir e muito com a ação do NAE e com o projeto de forma, fazendo com que as avaliações futuras baseadas no projeto consigam chegar a um resultado específico e tendo assim documentos e relatos para se basear. Podendo também gerar conteúdo e conhecimento sobre o projeto, pedir a monitora que fez a ação com esse grupo de alunos e o professor para anotar percepções sobre o que sentiu dessa visita, podendo ser pequenos comentários de forma bem objetiva e eficaz.

¹¹ Os certificados são gerados apenas se o professor retornar a instituição com seus alunos ou se ele entrega o projeto para o museu, no entanto não se sabe ao certo a quantidade de certificados e projetos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o Projeto de Formação dos professores do Museu Histórico de Santa Catarina executado pelo NAE do MHSC, que busca contribuir com o professor e sua didática. A ideia do projeto é reforçar o papel do museu como espaço de educação e apresentar formas em que ele pode contribuir com o ensino.

Diante disso, compreende-se que o museu visa que o professor seja seu aliado, a partir da sua mediação entre alunos e a instituição, neste caso sendo o público a ser atingido pelo projeto. Espera-se que não seja o único público a ser atingido, pois acredita-se que esse conhecimento é passado ao aluno após o primeiro contato do professor.

Ao longo deste trabalho foi realizado um breve histórico sobre a instituição MHSC e apresentado o espaço do NAE, como foi criado e sobre suas oito atividades e projetos. A partir disso, contextualizamos o projeto foco deste trabalho o “Projeto de Formação dos professores do Museu Histórico de Santa Catarina: Interfaces com a Educação”.

Notamos que o interesse de ter o professor como seu público neste projeto é para que ocorra uma multiplicação de públicos, começando pelo próprio professor e, conseqüentemente, chegue aos alunos. Assim, o professor forma mais públicos para este espaço, contribuindo com o museu.

Discutimos sobre educação formal e não formal, apresentando como educação formal aquela que é realizada nas escolas e a não formal é vinculada com o interesse da pessoa, saindo do padrão imposto pela estado e pela sociedade. Lembrando que não importa a educação e a forma em que ela trabalha, ela visa empoderar o indivíduo. Além disso, a pesquisa discutiu sobre educação museal e a função da instituição museu de educar para além de sala de aula contribuindo com o todo.

Podemos ver como a educação museal ocorre nesse projeto aproximando um público de forma ao mesmo conhecer o que seria um museu e quais as suas funções pensando que nesse projeto temos palestras de todas as vertentes da instituição com a pretensão de ter o professor como aliado e conhecedor do que um museu faz e se propõe a fazer.

Esse projeto tem como ideal modificar seu público com um olhar novo sobre essa instituição, podendo ver em respostas como esse encontro modificou pensamentos e gerou conhecimentos e como os docentes pensão em levar isso a sua sala de aula de forma efetiva e concreta.

A educação museal foi destaque em toda a sua importância para não só abrir caminho para um público, mas também para gerar um novo,

pois esse público que pretender isso pode ir a instituição, mas não vai sozinho, pois muitos comentam como usar isso em sala de aula gerando uma multiplicação desse público e de seu conhecimento gerando mudanças em pensamentos dos docentes e podendo até mesmo dos alunos.

Pensando nisso apresentou conceitos sobre públicos e seu papel no desenvolvimento do projeto de forma de enriquecer o mesmo, dessa forma o professor sendo o público alvo e levando no futuro os próximos públicos. Dessa perspectiva temos o professor como um mediador entre os discursos existentes no museu, dando subsídio para o aluno interpretar e ir na instituição criando diálogos entre discurso do museus e assuntos recorrentes em sala de aula.

Para se compreender a percepção do professor, já que com os documentos apresentados não se consegue analisar se o mesmo volta ou não, e como o mesmo compreende a atividade que frequentou, foi analisado a ficha de avaliação 2 (ANEXO D) pois ela é a única que dá ao docente o espaço de dialogar sobre as suas impressões e sugestões temos 21 fichas avaliadas. Tendo poucas respostas pensando que o projeto abordou 130 professores das redes municipais de Florianópolis e Palhoça e rede pública do estado das escolas da grande Florianópolis. Sendo assim docentes de escolas próximas e de locomoção dita pratica.

Os docentes que responderam tinham informações e opiniões sobre o projeto dando sugestões sendo uma forma eficaz de conseguir uma boa análise dos discursos, mas no decorrer do TCC foi descoberto que as avaliações não foram analisadas depois dos encontros ao museu e por isso não foi levado em consideração as opiniões e sugestões dadas.

Com base nessa análise das fichas e respostas dos docentes foi se tendo sugestões de uma forma diferente para apresentar o campo 2 e 3 “Seu Local de Trabalho” e “Sua Formação/ Disciplina que ministra” juntando as duas dando prioridade a o reconhecimento da instituição.

Como apresentado a cima a falta de análise da ficha não ocorre apenas com esse documento, com isso deixando brechas, mais também de anotar acontecimentos posteriores, de visita ou projetos desses docentes, complicou a análise de o professor como mediador e se isso cria uma boa interpretação, e melhorias em suas mediações.

Dificultando saber também se o professor volta ou não pois a instituição não tem essa informação guardada, e com isso sugestões de como conseguir armazenar essa informação na recepção quando estiver em contato com os docentes, o mediador também ou até mesmo o NAE quando for imprimir os certificados (sendo essa última não muito eficaz, pois nem todos os docentes aparece atrais do certificado). Anotando em

um caderno ou arquivo variado da melhor forma que a instituição encontrar de preservar essa informação.

Essas lacunas dos espaços que se tem deixa o projeto vulnerável pois ele não consegue responder nem suas próprias dúvidas, pensando no próprio papel do NAE e das ações desse gênero (RAMOS, 2004). Concordamos com Martins et al. (2013), quando aponta que é preciso ter um bom planejamento no projeto, reconhecer o seu público antes e depois da atividade, visto que o projeto de formação de professores do MHSC possui o objetivo pensado inteiramente no retorno do docente.

A importância de trabalhos que mostrem de forma efetiva as análises de trabalhos que conversem sobre públicos e discussões sobre esse tema apresentam uma variação de pontos para que próximos projetos desse modelo possam ser melhorados já conhecendo suas importâncias de estudar esses pontos.

Dessa forma se espera que o trabalho contribua de forma efetiva com diálogos sobre a educação museal e os tipos de educação e de que forma ela podem se complementar criando assim caminho a serem trabalhados, apresentando discussões diferentes em seu papel educativo, também sobre o papel do professor esse docente que está entre o público escolar e o museu e como a aproximação entre eles gera um conhecimento de melhor qualidade, permitindo olhar o docente como mediador. Esperamos que consiga gerar novos diálogos e caminhos para essa discussão de extrema importância sobre o museu e seu papel.

Esperamos que o trabalho consiga apresentar o destaque e a importância sobre a educação museal e a musealização para a educação e a aproximação entre a educação e como isso gera não só públicos, mas um destaque entre museu e escola, mostrando como juntos podem chegar em um novo nível de educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação museu-escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p. 50-56, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36322>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. Estudos de público: a avaliação de exposição como instrumento para compreender um processo de comunicação. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 5, p.325-334, 1995.
- BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui O Estatuto de Museus e Dá Outras Providências. Brasília, 15 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm. Acesso em: 20 jan. 2019.
- BULGRAEN, Vanessa. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Conteúdo**, Capivari, v. 4, n. 1, p. 30-38, ago./dez. 2010. Disponível em: http://www.moodle.cpsctec.com.br/capacitacaopos/mstech/pdf/d3/aula04/FOP_d03_a04_t07b.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Orientações para gestão planejamento de museus**. Florianópolis: FCC, 2014. Disponível em: <http://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/acervo-files/legislacao/orientacoes-gestao-planejamento-museus.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- CATARINO, Giselle Faur de Castro; QUEIROZ, Glória Regina Pessoa Campello; BARBOSA-LIMA, Maria da Conceição de Almeida. O formal, o não formal e as outras formas: a aula de física como gênero discursivo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, p. 499-517, jun. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226925>. Acesso em: 15 fev. 2019.

CAZELLI, Sibeles *et al.* Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciência. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 2., 1999, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2000. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/ii-enpec/trabalhos/G48.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2019.

CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO PARA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (CENTRO POP). **Descrição**. Florianópolis, [2019]. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/serv_pagina_print.php?acao=open&id=4614. Acesso em: 10 fev. 2019.

CHAGAS, Mario de Souza *et al.* Museus e Público Jovem: Percepções e receptividades. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 49-66, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/94/120>. Acesso em: 18 jun. 2019.

COSTA, Luciana Ferreira da; BRIGOLA, João Carlos Pires. Hábito cultural de visitar museus: estudo de público sobre o museu do homem do Nordeste, Brasil. **Revista Iberoamericana de Turismo**, Penedo, v. 4, p.124-128, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/1501>. Acesso em: 18 jun. 2019.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceito-Chave de Museologia**. São Paulo: FCC, 2014.

ESTEVIÃO, Guilherme Gantois Moura *et al.* **A Função Educativa dos Museus**. Niterói: Editora Labouré Lima, 2008.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. O público interno dos museus: reflexões sobre os funcionários de museus enquanto público-alvo das ações educativas museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 46, p. 29-46, jun. 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48581638.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2019.

FRANCO, Sebastião Pimentel. Repensando a prática pedagógica do museu. **Alpha**, Patos de Minas, v. 6, n. 6, p.129-149, nov. 2005.

Disponível em:

<http://alpha.unipam.edu.br/documents/18125/19714/repensando-a-pratica.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

GASPAR, Alberto. O ensino informal de ciências: de sua viabilidade e interação com o ensino formal à concepção de um centro de ciências.

Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 157-163, jan. 1992. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/7493>. Acesso em: 20 set. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULART, Angélica da Silva. **Jessy Cherem**: a construção da trajetória de uma educadora em Criciúma na década de 1960. 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

IBRAM. **Carta de Belém - PA**: Princípios e Parâmetros para a criação e posterior implementação da Política Nacional de Educação Museal. Belém, 2014. Disponível em: http://fnm.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/Carta_Belem_PNEM_6FNM.pdf. Acesso em: 05 ago. 2018.

IBRAM. **Plano Nacional Setorial de Museus**. Brasília: Ibram, 2010.

IBRAM. **Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. Brasília, 2017. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2018.

ICOM. **Definição**: Museu. 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>. Acesso em: 19 jun. 2018.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil.

Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 1, n. 1, jan./jul. 2012. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12643>.
Acesso em: 19 jun. 2019.

MARTINS, Luciana Conrado *et al.* (org.). **Que público é esse?** formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013. Disponível em:
http://www.percebeeduca.com.br/files/uploads/downloads/download_4.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da Educação em museus:** o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um Estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciências e tecnologia. 2011. 390 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:
<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/pt-br.php>. Acesso em: 19 out. 2018.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1, p. 9-27, jan./jun. 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. **Ciência e Letras**, [s. l.], n. 27, p. 91- 101, 2000.

MHSC. **Plano Museológico:** Museu Histórico de Santa Catarina 2015 – 2018. Florianópolis, 2016a. Disponível em:
<http://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/o-museu/19205-19205-plano-museologico>. Acesso em: 5 ago. 2018.

MHSC. **Relatório geral do NAE/MHSC sobre o programa de formação de professores.** Florianópolis: MHSC, 2016b.

MHSC. **Relatório geral do NAE/MHSC sobre o programa de formação de professores.** Florianópolis: MHSC, 2017.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, p. 63-81, jun./dez. 2012. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/html/3381/338130379005/>. Acesso em: 20 set. 2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura. **Ação Educativa em Museus**: caderno 4. Belo Horizonte: Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2011. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/images/2015/Sumav/miolo_acao_educativa_2.pdf. Acesso em: 25 nov. 2018.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A Danação do Objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

SANTA CATARINA. **Lei nº 17.565, de 6 de agosto de 2018**. Consolida as Leis que dispõem sobre o Patrimônio Cultural do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/2018/17565_2018_lei.html. Acesso em: 10 fev. 2019.

SANTA CATARINA. **Lei nº 5.476, de 04 de outubro de 1978**. Cria, na Capital do Estado, o Museu Histórico de Santa Catarina. Florianópolis, 7 out. 1978. Disponível em: http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1978/5476_1978_lei.html. Acesso em: 10 fev. 2019.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos**: Reflexão sobre a museologia a educação e o museu. 4. ed. Rio de Janeiro: Minc, 2008.

SIGNIFICADO de Mailing. 2014. Disponível em: <https://www.significados.com.br/mailling/>. Acesso em: 13 jun. 2019

ANEXO A - Modelo para escrever o projeto



PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA:
INTERFACES COM A EDUCAÇÃO

MODELO RELATÓRIO

Escola:	Dia da visita/mediação/atividade:	Período:
Professora/responsável:		
Turma/Disciplina/número de alunos:		
Registros da visita fotografia () vídeo ()	Autoria das fotos:	Autoria do vídeo:
Ações desenvolvidas:		
<p>Sugestões: Planejamento da Ação Educativo-Cultural: Mencione o objeto ou tema escolhido para essa ação educativo-cultural; Justifique a escolha do objeto ou tema; Defina a faixa etária da turma ou grupo que irá receber essa ação; Que ação educativo-cultural esse objeto ou tema sugere? Aponte um objetivo geral e dois objetivos específicos para essa ação educativo-cultural; Identifique temas geradores que são possibilitados pelo objeto ou tema escolhido; Que perguntas poderão ser elaboradas problematizando o objeto ou o tema escolhido? Com quais áreas do conhecimento essa ação educativo-cultural poderá estabelecer relações? Que material didático/pedagógico poderia ser elaborado a partir do objeto ou tema escolhido?</p>		
Conteúdos e conceitos geradores abordados		
Frases do alunos/professores sobre a experiência/atividade:		
Imagens:		
Observações:		
Anexos:		
Sugestões:		

Núcleo de Ação Educativa - Museu Histórico de Santa Catarina
Fundação Catarinense de Cultura
Telefone: 48 3665-6362
E-mail: naemhsc@fcc.sc.gov.br

Fonte: NAE, Ano desconhecido.

ANEXO B – Roteiro Investigativo



PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA: INTERFACES COM A EDUCAÇÃO

Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa: Márcia Lisboa Carlsso –
Educadoras: Cristiane Ugolini, Christiane Maria Castellen e Márcia L. Carlsso
Mediadoras: Simone Coelho e Veronice Nogueira
Museólogo: Renilton Roberto de Assis - **Conservadora:** Márcia Escorteganha

Responsável pelo projeto na Secretaria de Educação: Cristiane Alves

Objetivo: Contribuir no processo de formação dos professores para o reconhecimento das múltiplas possibilidades de práticas pedagógicas com objetos e temas históricos. O curso aborda conceitos de Museologia, de Conservação e de Ações Educativas e Culturais do Museu Histórico de Santa Catarina. **Carga Horária:** 8h (presencial) + 8h (ação educativa): Total 16 horas

Programação:

Oficina do Objeto/ Curadoria Educativa/ Exercício de Exploração do Objeto - Roteiro Investigativo/Visita à exposição do acervo/ Apresentação do Núcleo de Conservação e Restauo/Apresentação do Núcleo de Museologia/Apresentação do Núcleo de Ação Educativa/Orientação Proposta de Ação Educativa Cultural/- Proposta de Ação Educativa Cultural

ROTEIRO INVESTIGATIVO

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

Qual é a cor?
Tem cheiro? Qual?
Tem som? Qual?
Tem textura? Como é?
Possibilita transmitir calor? Frio?
Quais são as suas dimensões?
Do que é feito?
É um material natural ou manufaturado?
É um objeto completo?
Foi alterado, adaptado ou acrescentado a um outro?

O DESIGN

Está bem projetado?
O objeto exerce bem a função?
Quais são os materiais utilizados?
É decorado? Como?
Você gosta de sua aparência?
Você conhece outro objeto com a mesma forma?
É nacional?

A CONSTRUÇÃO

Como é feito?
É feito à mão ou à máquina?
Foi feito em molde ou em peças?
Se foram várias peças, como elas foram fixadas?
Que ferramentas foram utilizadas?
Envolveu uma ou mais pessoas?
Conhece a técnica que foi empregada?

A FUNÇÃO/UTILIZAÇÃO

Para quê foi feito?
É de uso coletivo ou individual?
Seu uso se modificou?
Como o objeto tem sido usado na atualidade?
Depende de tecnologias?
De que forma ele está sendo usado na exposição?

O VALOR


Quanto valeu (valor material)?
Quanto vale (valor material)?
Para as pessoas que o fizeram?
Para as pessoas que o utilizam?
Para as pessoas que o possuem (possuíram)?
Para o comércio?
Para o museu?
Para você?
Valor simbólico e afetivo tem preço?

A SOCIEDADE QUE O PRODUZIU

Quem o produziu?
Quem o utilizou?
Quando?
Onde?
De que forma utilizou?
Este objeto também é encontrado em outras sociedades? Por que?
Possui o mesmo significado?
Possui identificação de origem?

Fonte: NAE, Ano desconhecido.

ANEXO C - Avaliação 1 dos professores sobre o Museu



Nome (opcional): _____

E-mail (opcional): _____

Idade: 44 Escolaridade: Bacharel

Qual a sua ocupação? Professora/Arquiteta

Cidade: Joinville País: Brasil

Qual o seu grau de satisfação nos seguintes itens
 1 = insatisfeito 5 = muito satisfeito N/A = não se aplica

	1	2	3	4	5	N/A
Recursos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>
Acessibilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conservação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Iluminação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acervo	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Exposição	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Medição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Registre a sua opinião sobre o Museu Histórico de Santa Catarina
(responda no verso)

Fonte: NAE, Ano desconhecido.

ANEXO D - Avaliação 2 dos professores sobre o projeto



AValiação

Prezado (a) participante, Solicitamos o preenchimento desta ficha de avaliação do curso **Museu Histórico de Santa Catarina: Interfaces com a Educação**, realizada pelo Museu Histórico de Santa Catarina - MHSC através do Núcleo de Ação Educativa, Núcleo de Conservação e Restauro e Núcleo de Museologia. Sua opinião é importante para nós. Obrigado por participar!

FICHA DE AVALIAÇÃO	
1. Seu local de trabalho	Nome da Instituição:
	Endereço:
	Telefone:
	E-mail:
2. Sua formação/Disciplina que ministra	Instituição de Ensino:
	Curso:
3. Já havia visitado o MHSC em outra oportunidade?	Sim () Não () Em caso afirmativo, veio com alunos? Sim () Não ()
4. O curso pode contribuir na elaboração de uma ação educativa-cultural com seus alunos?	Sim () Não () Comente: _____ _____ _____
5. A Carga horária é suficiente para o conteúdo apresentado?	Sim () Não ()
6. Gostaríamos de sua opinião e/ou sugestões sobre o curso (pode usar o verso da folha)	_____ _____ _____

Qual o seu grau de satisfação nos seguintes itens

	Excelente	Bom	Regular	Ruim	Não sei
Recepção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acessibilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Segurança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Limpeza	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conservação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Iluminação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Acervo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Exposição	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Mediação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Registre a sua opinião sobre o Museu Histórico de Santa Catarina
